INTERSINDICAL

alavanca

Quarta-feira, 16 de Abril de 1975

18

UNIDADE NA ACÇÃO — A FORÇA DOS TRABALHADORES

Preço 3$50

CIP - IN
CENTRO DE
DOCUMENTAÇÃO
76

NA PRIMEIRA LINHA DE LUTA CONTRA A OPRESSÃO

FERROVIÁRIOS: NACIONALIZAR PARA SERVIR O POVO

A INTERSINDICAL NO MUNDO Págs. 8 e 9

EM SUPLEMENTO:
BOLETIM DO SINDICATO
DA CONSTRUÇÃO CIVIL

alavanca

SEMANARIO DA INTERSINDICAL

N.º 18

16 de Abril de 1975

DIRECTOR INTERINO:
José Luís Judas

24 páginas
Preço avulso, 3$50

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
Av. Duque de Loulé, 63 - 3.º
Telefs. 5 99 93/4 57 12 — LISBOA-1

DELEGAÇÃO NO NORTE
UNIÃO DOS SINDICATOS DO PORTO
Rua de Santa Catarina, 922-1.º
Telefs. 360752/59 PORTO

Distribuição para postos de venda ao público:
Distribuidora «O SÉCULO»

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:
Empresa do Jornal do Comércio, S. A. R. L.

alavanca

RÁDIO

A VOZ DA INTERSINDICAL TODOS OS DIAS DAS ZERO ÀS DUAS DA MADRUGADA ATRAVÉS DS ONDAS MÉDIAS DO RÁDIO CLUBE PORTUGUÊS (A EMISSORA DA LIBERDADE)

UM PROGRAMA DOS TRABALHADORES PARA TODOS OS TRABALHADORES

editorial

OS TRABALHADORES E O CONTROLO DA ECONOMIA

Dada a importância do que se reveste para o País em geral, e para os trabalhadores em particular, transcrevemos a seguir, as orientações definidas pelo Conselho de Revolução para o programa económico:

«a) É necessário que os trabalhadores sintam que a economia já não lhes é estranha, ou seja, que a construção socialista da economia é tarefa deles e para eles. Isto implica a afirmação clara do princípio de controlo organizado da produção pelos trabalhadores para objectivos de produção e eficiência, coordenado pelos órgãos centrais de planeamento, segundo esquemas a definir com brevidade.

b) É indispensável estabelecer uma limitação dos consumos a partir de princípios de máximo nacional rendimento disponível extensível aos titulares de todos os rendimentos e não apenas ao trabalho por conta de outrém.

c) Igualmente se torna indispensável garantir a contensão dos preços e bens essenciais sobretudo alimentares.

d) Deverão ser completados os passos já dados, no sentido da nacionalização dos sectores básicos de actividade económica «indústria, transportes e comunicações».

e) Deverá ser aplicado um programa progressivo de reforma agrária integrado num todo coerente de medidas de política económica.

f) Verificadas as condições anteriores será legítimo fazer apelo à mobilização dos trabalhadores para o emprego produtivo, mobilização necessária à construção da sociedade desejada pelo povo português».

As orientações atrás definidas, além de virem ao encontro dos mais amplos anseios dos trabalhadores, no que respeita às nacionalizações dos sectores chaves da indústria e dos transportes e da aplicação de medidas que conduzam à reforma agrária e à contenção dos preços, vêm mostrar, aos mais incrédulos, que o M. F. A. está decidido a avançar, lado a lado com os trabalhadores e as massas populares, na luta pela construção do socialismo.

O socialismo não se dá: conquista-se. Essa conquista é o resultado duma prática quotidiana dos trabalhadores no sentido do controlo da economia e do aparelho de Estado.

O controlo do aparelho de Estado, ou melhor, a «entrega do País ao seu Povo», ir-se-á fazendo com a rapidez proporcional ao avanço do processo revolucionário.

No plano económico cabe aos trablhadores, e às suas organizações, com as suas iniciativas revolucionárias, tornar realidade das intenções manifestadas pelo Conselho de Revolução, no sentido de fazer com que a economia «seja tarefa deles e para eles».

E iniciativas revolucionárias, são, não só, aquelas que levem os trabalhadores a organizarem-se para controlarem a produção e evitar a sabotagem económica, como também, as que visem produzir mais e melhor, as que visem combater a demagogia e o oportunismo de certas lutas salariais as que visem combater as manobras divisionistas e, enfim, as que visem combater tudo o que desvie as classes trabalhadoras dos objectivos fundamentais de luta: consolidação do processo democrático e construção do socialismo.

«ALAVANCA»

É TRANSPORTADO PARA TODO O PAÍS NOS COMBOIOS DA C. P.

alavanca

SEMANARIO DA INTERSINDICAL

Av. Duque de Loulé, 63-3.º — LISBOA

BOLETIM DE ASSINATURA

Modalidade de assinatura: ☐ 6 meses (85$00)
☐ 12 meses (165$00)
(Riscar o que não interessa)

Nome .....
Morada .....
Profissão .....
Local de cobrança .....

O pagamento pode ser feito em cheque ou vale postal dirigido a «ALAVANCA»

Cortar e enviar a «ALAVANCA»

OS FERROVIÁRIOS NA VANGUARDA DA LUTA DOS TRABALHADORES

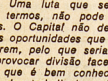
«Podem as direcções sindicais, em nome dos trabalhadores ferroviários, garantir ao Governo que, ao exigirem a tabela de vencimentos proposta e a aplicação de diuturnidade, embora negociando estas últimas, os ferroviários assumem o compromisso de darem o seu maior esforço para transformarem a CP numa empresa que assegure ao povo português um bom serviço de transportes, participando, assim, na construção de um novo País que todos nós pretendemos?»

A resposta dos seis mil ferroviários presentes no plenário do passado dia 5, no Pavilhão dos Desportos, foi firme, imediata e unânime: PODEM. As palavras *unidade* e *trabalho* foram, então, gritadas ritmadamente pelo coro formado por toda a assistência. Deste importante plenário, a que já fizemos referência no número anterior de «Alavanca», vamos dar hoje o resumo das principais intervenções.

Vigilância e Unidade

Em primeiro lugar falou o camarada Andrade, que, referindo-se ao momento político, afirmou, a dada altura:

«Este momento revolucionário, este passo histórico que estamos a dar, exige — como dissémos — vigilância, mas exige, sobretudo, unidade. Unidade que não pode ser atacada por falsos argumentos que só servem o poder capitalista. Uma luta que se trava nestes termos, não pode deixar dúvidas. O Capital não desperdiçará as oportunidades que se lhe deparem, pelo que seria criminoso provocar divisão face a um perigo que é bem conhecido. A divisão dos trabalhadores impediria, entre outras coisas, a sua

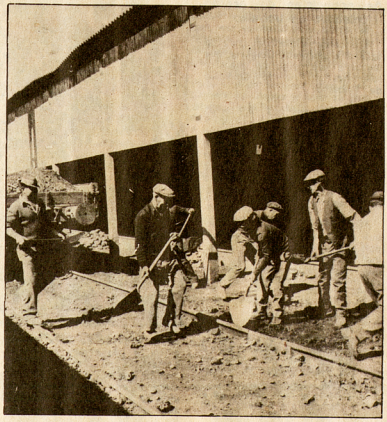


indispensável organização. Ora, o nosso país não pode suportar as consequências funestas que de tal divisão viriam, fatalmente, a verificar-se.»

E, mais adiante, observou:

«É imperioso, no entanto, Camaradas, que os ferroviários — a quem cabe papel importantíssimo na luta em curso — não desiludam todos os outros camaradas trabalhadores, cumprindo com eficácia e afinco a quota parte que lhes cabe.

Os ferroviários sempre estiveram na primeira linha de luta contra a opressão. Ora, quando todos os Camaradas cerram fileiras, nós temos de reclamar o direito que nos cabe de estar na primeira linha.»



Pedida a nacionalização de todos os transportes

O segundo orador analisou o tema «A nacionalização dos transportes e o papel dos ferroviários na empresa nacionalizada», tendo declarado, a abrir:

«Depois da grande vitória que constitui para as classes trabalhadoras e para as forças progressistas do nosso país a nacionalização da Banca e dos Seguros, é necessário e urgente que outras actividades básicas sejam nacionalizadas, para esmagar de vez o capitalismo monopolista e consolidar as vitórias alcançadas no caminho da democracia e do socialismo.

Conforme a convocatória para este plenário referia, impõe-se, igualmente, a rápida nacionalização do Caminho de Ferro, e das outras empresas de transportes, não só porque ela representa uma economia de meios e melhor serviço para o povo, mas também porque é, neste momento, uma forma de ajudar a obter a satisfação das reivindicações salariais pelas quais os ferroviários há tanto se batem.»

Referindo-se, depois, às responsabilidades que impendem sobre os trabalhadores numa empresa nacionalizada, afirmou:

«É necessário, pois, que a nacionalização seja sempre acompanhada de um reforço consciente da capacidade produtiva dos

trabalhadores, de um aumento de disciplina, voluntariamente assumida, de uma exigência constante relativamente à acção dos gestores nomeados pelo Governo e, sobretudo, de uma exigência revolucionária de cada trabalhador em relação a si mesmo.

Só assim. Só assim, camaradas, as nacionalizações interessarão verdadeiramente ao povo e aos próprios trabalhadores das empresas nacionalizadas.»

E, mais adiante, acentuou:

«Vamos exigir a nacionalização do Caminho de Ferro, mas vamos comprometer-nos a construir com as nossas mãos, com o nosso melhor esforço, com a nossa inteligência, com a nossa vigilância constante e activa, o Caminho de Ferro de que o País precisa, e a que o povo tem direito. Um Caminho de Ferro, por outro lado, onde cada um de nós se sinta orgulhoso de ganhar honradamente o seu pão.

Os ferroviários não querem a autogestão. Mas querem, e exigem, dirigentes honestos, competentes, abertos ao diálogo e capazes de levar a bom termo, a nosso lado, a reconstrução de nossa empresa.»

Melhorar o sistema de transportes e aumentar a produtividade

O orador abordou, em seguida, o problema da coordenação nacional de todo o sistema de transportes, sem a qual não será possível pôr cobro às profundas desigualdades de rendibilidade que entre eles se verificam, nem melhorar a sua rede, tanto ferroviária como rodoviária. *«Exijamos a nacionalização do Caminho de Ferro — afirmou — mas exijamos, igualmente, a nacionalização de todos os transportes. Exijamos um plano integrado, a nível nacional, de todos esses transportes, de forma a tornar racional e proveitosa a sua utilização por parte*

da população, não deixando para o Caminho de Ferro apenas os serviços menos rendíveis, os serviços que os outros meios de transporte se recusam a fazer. É tempo de se acabar com a distinção entre filhos e enteados, que em todos os campos foi característica do regime fascista.»

A este respeito, salientou, ainda:

«Exijamos que toda a estrutura do próprio Caminho de Ferro seja reformulada e a sua exploração devidamente planificada, de forma a ser aproveitada de acordo com a sua vocação de transporte de massas, mas, sobretudo, de transporte de mercadorias, cuja percentagem, na totalidade global dos transportes, é, erradamente, inversa à das redes ferroviáriss dos outros países. Há que transportar mais mercadorias e, sobretudo, as mais adequadas ao transporte ferroviário. Não apenas as que nos dão prejuízo.»

Apelou, por fim, para o aumento da produtividade:

«Vamos produzir. Vamos tentar reduzir as baixas (amigos, quando um trabalhador está com baixa sem estar doente, ele está, simplesmente, e com todas as letras, roubando o dinheiro dos seus camaradas). Vamos oferecer melhores serviços aos passageiros. Vamos construir um Caminho de Ferro capaz de assegurar uma vida mais digna aos seus trabalhadores. Vamos dar ao Povo um Caminho de Ferro melhor.»

Necessidade de um saneamento urgente e profundo

Os problemas do saneamento, que são extremamente agudos na

Continua na pág. 4

Cortar e enviar a «ALAVANCA»

Continuação da pág. 3

CP, ocuparam a intervenção do camarada Telheiro: *«É com o objectivo — afirmou — de conseguirmos para todos nós uma empresa onde todos sejamos tratados da mesma forma, sem discriminações, quaisquer que elas sejam, onde todos tenham as mesmas oportunidades, participando numa sociedade justa e sem «elites», onde seja possível que todos trabalhem com interesse e dando o melhor do seu esforço na reconstrução da nossa empresa, que o mesmo é dizer na reconstrução do nosso país, é para tudo isto que a Comissão de Saneamento está a trabalhar e se propõe conseguir estes objectivos, afastando todos aqueles que de algum modo tenham contribuído para este estado de coisas.»*

Continuando a sua intervenção, explicou o tipo de saneamento que é necessário e urgente levar a cabo na CP:

«Saneamento não é só afastar os corruptos ou aqueles cujo passado político o aconselha. É, fundamentalmente, colocar cada trabalhador no local onde ele pode ser útil à empresa. Há muitos que sendo óptimas pessoas são perfeitamente incapazes de desempenhar os cargos que lhes são atribuídos, não sendo difícil detectar esta situação através do estado caótico desta empresa.

Torna-se, portanto, imperioso estruturar a empresa de modo a que cada um faça aquilo que é capaz, não sendo, de modo algum, desprestigiante para aqueles que são reclassificados, pois muitos deles são também vítimas da política anterior, que os empurrou para tais situações.»

Depois de ter referido o pedido de afastamento das principais chefias, e da sua substituição por outras que possam garantir uma boa gestão da empresa, o camarada Telheiro observou ser necessário «ir descendo até chegar aos que apenas têm funções executivas». E, seguidamente, sublinhou:

«Sabemos bem que os corruptos, os fascistas, e muito especialmente os parasitas, ou seja, os que querem continuar com negociatas escuras, os que pretendem que a empresa continue a não servir a ninguém a não ser a eles, os que querem continuar a passar a receber o dinheiro do Povo sem nada fazer, tudo tentarão para impedir que os Caminhos de Ferro se transformem num serviço do Povo.

Quanto a isso, teremos que fazer uma frente que ajude a sanear esses ninhos, que, infelizmente, não são tão pequenos como isso.»

A terminar, fez um apelo a leis revolucionárias que permitam acelerar o saneamento e pôr fim às situações de corrupção, fascismo e parasitismo que ainda se verificam na CP.

As conquistas do acordo colectivo de trabalho

A encerrar o plenário, usou da palavra a camarada Gregória, que tomou a seu cargo as questões referentes ao Acordo Colectivo de Trabalho.

«As conquistas que já fizemos — começou por dizer — demonstram a todos, mesmo àqueles que têm olhos e não querem ver, que conseguimos, na realidade, um verdadeiro Acordo Colectivo de Trabalho, e não um Regulamento repressivo, que era o que possuíam os ferroviários.»

Ao enumerar algumas das conquistas alcançadas, salientou, depois, as que contemplam a mulher trabalhadora, considerando que, neste aspecto, o acordo se encontra na vanguarda a nível nacional:

«Assim, conquistámos:
— 90 dias por ocasião do parto, com vencimento por inteiro;
— dispensa, até doze meses após o parto, de 1 hora por dia, sem perda de vencimento;
— trabalho a meio tempo, se a trabalhadora o pretender, até 12 meses após o parto.»

E acrescentou:

«Isto garante à trabalhadora, por um lado, um tempo de repouso suficiente para se recompor do parto, e sem perda de vencimentos numa altura em que lhe é mais essencial, e, por outro, a possibilidade de dar uma assistência capaz aos seus filhos.»

Prosseguindo na análise do A. C. T., a camarada Gregória pôs em relevo as disposições relativas a despedimentos, tendo afirmado, a este respeito:

«A maior conquista conseguida neste acordo é a do direito ao trabalho, o não aos despedimentos sem justa causa. Foi isto conquistado através do impedimento da rescisão do contrato sem justa causa, quer dizer, a empresa não pode despedir nenhum trabalhador sem que haja uma justa causa motivada por motivos disciplinares. Os trabalhadores vêem-se, assim, livres da maior repressão a que estavam sujeitos: a instabilidade de emprego, a incerteza da subsistência no dia de amanhã. Sem esta conquista não há liberdade possível, daí o grande passo que demos na conquista da verdadeira liberdade.»

«Na nossa empresa deita-se dinheiro à rua»

Referiu-se, depois, detidamente, à questão da tabela de vencimentos e de diutunidades pedida pelos trabalhadores, que ainda não foi satisfeita, dado que o montante posto à disposição da administração pelo Governo é muito inferior.

«As direcções sindicais — afirmou — consideram que não devem aceitar que sejam os trabalhadores a arcar com as consequências de uma má gestão. Porque todos nós sabemos que na

nossa empresa se deita dinheiro à rua, e não podem ser os trabalhadores os prejudicados. Temos de ser nós a evitar que esse dinheiro seja mal aplicado. Temos de ser nós a fazer com que esse dinheiro seja distribuído pelos trabalhadores ferroviários.»

«Muito dinheiro mal gasto — prosseguiu — pode ser aplicado em proveito dos ferroviários e do público, pois o que é fundamental é melhorar a qualidade do serviço com comboios que correspondam às necessidades da população e à tabela.»

Dentro desta ordem de ideias, apontou como solução para levar a bom termo as negociações em curso com o Governo recuperar esse dinheiro que ultrapassa a verba disponível fazendo economias na empresa. Como fazer essas economias? Eis a resposta das direcções sindicais:

«Através do saneamento, conforme já aqui foi dito, através da nacionalização e, ainda, da participação activa dos trabalhadores na vida da Empresa, transformando-a numa empresa que sirva realmente o País e os trabalhadores ferroviários. Temos de ser nós, todos os ferroviários, a comprometermo-nos de que a verba que desejamos será alcançada por todos nós.

«Será alcançada por todos nós através do nosso melhor esforço. É, pois, esse compromisso que temos de assumir nas negociações, mas esse compromisso será de todos nós ferroviários, e não das direcções sindicais.»

Voltando à questão da produtividade, disse verificar-se que ultimamente o rendimento dos trabalhadores na CP baixou. A propósito, afirmou:

«Isto não pode acontecer. E não pode acontecer, porquê?

— Porque a empresa nacionalizada é nossa, e por isso teremos de produzir cada vez mais.

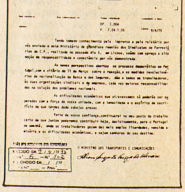
— Porque não trabalhar é não só explorar os próprios camaradas de trabalho como prejudicar todos os ferroviários em particular e os trabalhadores nacionais em geral, pois os Caminhos de Ferro Portugueses são essencialmente para servir as classes trabalhadoras, porque a burguesia normalmente se desloca nos seus automóveis particulares ou de avião.

«Ora, nós, trabalhadores ferroviários, como classe obreira não podemos, de maneira nenhuma, divorciar-nos dos outros trabalhadores portugueses. É, portanto, necessário que cada um de nós, e todos em conjunto, assumamos a responsabilidade de dar o melhor do nosso esforço para, dessa maneira, se conseguir a tal economia que pretendemos.»

Os ferroviários estão com o MFA

O plenário dos ferroviários terminou, assim, com uma vigorosa reafirmação da sua unidade e da sua identificação com a revolução socialista, que já está em curso no nosso país. E ninguém melhor do que os próprios ferroviários pode traduzir o significado da reunião. Disse um dos oradores:

«Há um slogan de que toda a gente gosta, e no qual põe muito entusiasmo: «O POVO ESTÁ COM O M. F. A.» Mas não basta dizer-se que está. É necessário estar-se mesmo. É a melhor maneira de estar, neste momento, com o M. F. A., a melhor maneira de estar com as forças progressistas e com a revolução, é trabalhar, produzir, organizar, de forma a não dar a mínima hipótese aos fascistas, aos inimigos dos trabalhadores, de, através do de-



s e n cadeamento premeditado de uma crise económica — que agrave ainda mais a que já existe, e que é comum a todo o mundo capitalista — voltar a oprimir a nossa Pátria, a mergulhar em sangue a nossa terra, a anular as conquistas democráticas do 25 de Abril e a impedir o ayanço para a sociedade melhor e mais justa que o povo português está firmemente decidido a construir.

— AVANTE PELA NACIONALIZAÇÃO DOS TRANSPORTES; AVANTE POR UMA VIDA MELHOR; VIVA A UNIDADE DOS FERROVIÁRIOS.»

TRABALHADORES EM LUTA

Cooperativa de Electricistas Desempregados:

«O DESEMPREGO SÓ PODERÁ SER RESOLVIDO PELO ESTADO»

O desemprego é um dos problemas que, neste momento, mais preocupa, e em muitos casos afecta, os trabalhadores portugueses.

Após o 25 de Abril, o patronato tudo tem feito para provocar o desemprego que, necessariamente, conduzirá milhares de trabalhadores a uma situação de natural desespero e descontentamento. Mas, quer queiramos quer não, o desemprego continuará a afectar os trabalhadores portugueses. A razão é simples: vivemos numa sociedade capitalista, e enquanto assim for, nada feito.

Entretanto, através da luta que travam diariamente, os trabalhadores avançam e solucionam os seus problemas da forma que acham mais justa e conveniente.

Um exemplo do que ficou dito foi-nos dado por um grupo de electricistas do sector da construção civil que meteu ombros à formação de uma cooperativa de desempregados daquele sector, com vista a manter a sua subsistência. Contactámos, por isso, o grupo promotor desta iniciativa que nos deu a conhecer a sua experiência.

«Em face do número de desempregados que existe na nossa classe, resolvemos formar esta cooperativa», começou por nos afirmar Alberto Correia. E prosseguiu: **«Como é sabido, é no sector da construção civil que o desemprego mais se faz sentir, pois é um dos ramos que a reacção capitalista mais pressiona. É assim que, em Janeiro, na classe de electricistas, existiam 1426 desempregados na região de Lisboa e certas zonas do Sul, segundo as estatísticas do Serviço Nacional de Emprego.»**

Por seu turno, e reforçando as afirmações do seu camarada, José Santos adiantou: **«Foi o Alberto que arrancou com a iniciativa. A ele juntaram-se os restantes nove, todos nós desempregados. Esperamos, agora, que os colegas em situação semelhante à nossa venham até nós. Muitos deles ainda não aderiram à cooperativa porque desconhecem a força que teremos unidos e organizados. A esta cooperativa poderá aderir qualquer electricista, de qualquer ramo. O nosso objectivo é dar a mão a todos, é arranjar trabalho a todos.»**

No entanto, convém lembrar que estes trabalhadores têm plena consciência de que não é com cooperativas que o problema do desemprego se resolve. Senão, vejamos o que nos disse António Pereira:

«Com a formação da cooperativa, a nossa vida não vai passar a ser um mar de rosas. Cada um terá de ter consciência das suas obrigações. De resto, a formação da cooperativa não é, nem nunca poderá ser, uma solução para o desemprego. A cooperativa é uma forma de combater o desemprego, de atenuar o desemprego. Bem vê, o problema só poderá ser resolvido pelo Estado através, por exemplo, do Ministério do Trabalho que, nesse campo, pouco actuante tem sido.»

Embora estivesse plenamente de acordo com as afirmações do seu colega, José Santos acrescentou: **«Penso que o «bichinho» do cooperativismo deverá ser espalhado enquanto forma de unir os trabalhadores. Está dentro de nosso espírito estabelecer e manter contactos com as empresas em luta, muitas delas geridas pelos trabalhadores. Porque não pensar-se, por exemplo, numa cooperativa de construção civil? O cooperativismo poderá, repito, ser uma forma de unir os trabalhadores em torno de um objectivo comum, para que todos colaborem na reconstrução deste país. Não garantimos, para já, trabalho a ninguém, nem pretendemos ter lucros. Trata-se, portanto, de uma questão de subsistência.»**

Com vista a provocar o desemprego, a grande maioria das empresas tem cancelado a admissão de pessoal. Sendo assim, como irão os possíveis sócios desta cooperativa arranjar trabalho?

Foi Alberto Correia quem começou por nos dar algumas ideias: **«Para já, para arranjar trabalho, teremos que ir ao seu encontro. Cada sócio será um angariador de trabalho para a cooperativa. Há que, por exemplo, ir às obras, às fábricas, a certos locais de trabalho, etc. Tentar-se-á criar uma espécie de serviço de colocação.»**

«Convém lembrar que a dificuldade está em arranjar trabalho recebendo-se aquilo a que se tem direito. Trabalho existe, mas não é devidamente remunerado, porque o patronato tem boicotado o nosso contrato colectivo. Por outro lado, existem empresas que neste momento são geridas pelos trabalhadores. Certamente que nesses casos iremos encontrar algum apoio.»

«Entretanto, na Federação das Cooperativas está em formação um Gabinete de Planeamento do Trabalho que certamente nos ajudará. A Federação será uma espécie de intermediária sem lucros.»

Apesar da força de vontade destes 10 camaradas, as adesões têm sido escassas. Porquê? Luís Carvalho deu-nos a sua opinião: **«Neste momento assiste-se a um boicote ao cumprimento do C.C.T. por parte do patronato que, por outro lado, não aceita novos empreendimentos, provocando o desemprego. Mas seria bom que os nossos colegas compreendessem que o patrão, na nossa profissão, é dispensável. De resto, dispensa-se bem em qualquer profissão, mas isso é outra coisa. Creio, por outro lado, que há ainda muita gente com medo de tudo quanto seja colectivo. Isso tem que acabar.»**

Ainda sobre o mesmo assunto, António Pereira declarou-nos: **«Está ainda enraizado no espírito de muitos trabalhadores que os patrões são necessários. Lá está, são os tais 48 anos de intoxicação. Aproveito para chamar a atenção a todos os trabalhadores desempregados dos ascensores ABIS, LTD., no sentido de se dirigirem ao Sindicato, pois é lá que nos encontramos, para tratar do seu problema.»**

Quase a terminar, António Pereira desejou declarar o seguinte: **«Das dificuldades que temos tido, destaco justamente a falta de divulgação que tem sido dada à nossa iniciativa. A RTP, por exemplo, enquanto órgão de informação do Povo que deveria ser, não ligou nenhuma ao comunicado que lhe enviámos.»**

Aqui fica o exemplo para quem estiver interessado. No entanto, um dos nossos entrevistados disse-o claramente: **«O problema só poderá ser resolvido pelo Estado.»** A propósito, lembramos as palavras proferidas pelo ministro da Comunicação Social, comandante Correia Jesuíno, no último «Telediário», que nos disse estarmos a caminho do «socialismo», verdadeiro, entenda-se. Então sim. Então não haverá mais desemprego. Não é por acaso que nos países do Leste não existe desemprego. É que aí, o capitalismo já não tem lugar.

IMPEREX: SABOTAGEM ECONÓMICA

A IMPEREX, empresa de montagem de automóveis, foi alvo de sabotagem económica, muito em voga nos tempos que correm, que colocou em perigo a sobrevivência de 130 trabalhadores. Reis Miranda, o sabotador, desde o 25 de Abril que manifestou a sua não adesão ao processo revolucionário em curso. Acerca das manobras fascizantes do citado sr. Miranda, logo após o 25 de Abril, José Constantino da comissão de trabalhadores disse-nos: *«No nosso primeiro caderno reivindicativo, após o 25 de Abril, logo o sr. Reis Miranda se mostrou comprometido com o antigo regime, posto que, em relação às nossas reivindicações, o indivíduo em causa continuou a reagir como se o fascismo ainda fosse o regime vigente em Portugal. Ou nós aceitávamos as suas propostas ou então nada feito.»*

Sobre o que se passou naquela empresa Augusto Damásio contou-nos: *«Reis Miranda, um dos associados da firma, fez um contrato com a IMPEREX para montar uns «jeeps» romenos, em 1973. Passou-se o ano de 1974 e os carros nunca mais chegaram. No final do ano, no entanto, começaram a surgir alguns carros para montagem».*

«Em Janeiro, a empresa fez a estimativa e a planificação do trabalho. O sr. Miranda confirmou a estimativa dada por ele, de 320 carros, cujos primeiros cem entraram na linha de montagem. Começaram, no entanto, a faltar os materiais de incorporação nacional. E repentinamente, sem consultar ninguém, nem a própria gerência da firma, resolveu fazer a transferência de 200 carros para outra linha de montagem, desrespeitando o contrato que tinha com a firma.»

Álvaro Carvalho, outro elemento da comissão de trabalhadores, continuou: *«Apercebemo-nos desta manobra numa reunião no dia 31 de Março com os administradores da firma. No dia seguinte conseguimos reunir com o Reis Miranda. Fizemos-lhe, então, ver os riscos que corríamos, se tirasse de lá os carros, posto que, naquela altura, não possuíamos outro produto para trabalhar. Ele, no entanto, não abdicou da sua posição, referindo que a outra firma para onde transitariam os carros lhe fazia um preço mais rendível, preço que nós considerávamos impraticável comercialmente pois por melhor apetrechados que estivessemos era impossível fazer um preço tão baixo. Por outro lado, com a saída dos carros, a empresa teria um «deficit» de mil e quatrocentos contos, o que provocaria a sua falência.»*

Os trabalhadores, face a esta situação, decidiram, em plenário.

(Continua na página seguinte)

(Continuação da página anterior)

formar piquetes de vigilância na estação de caminhos de ferro local onde se encontravam os carros para posterior mudança de linha de montagem que, a efectuar-se, paralisaria o trabalho durante 3 ou 4 meses.

Sobre o assunto, Germano dos Santos, dirigente sindical, informou-nos: *«Perante a gravidade da situação tomámos as medidas que achámos convenientes e que nos assegurariam a não saída dos carros da estação. Para isso, contactámos o Sindicato dos Metalúrgicos de Setúbal e a União dos Sindicatos de Setúbal. Contactámos também o Sindicato dos Ferroviários do Sul para que os seus filiados não cloaborassem na carga e descarga dos automóveis. Esta colaboração foi-nos prontamente dada, pelo que o material só poderia ser retirado mediante autorização do Sindicato dos Metalúrgicos de Setúbal. Por outro lado, alertámos o COPCON para o que se estava a passar. Entre os contactos havidos encontra-se ainda a Intersindical e o seu programa Alavanca.»*

Sobre o Alavanca Rádio e a forma como ele possibilitou a resolução deste conflito, Augusto Damásio fez tenção em afirmar: *«Foi precisamente a partir do programa «Alavanca que os trabalhadores da SEMAL, empresa associada da IMPEREX, e da qual Reis Miranda era sócio, tomaram conhecimento da nossa situação. Então, num plenário, aliando o nosso problema ao deles resolveram tomar posição. Essa tomada de posição implicou o saneamento de Reis Miranda. Com esta medida o nosso problema ficou praticamente resolvido. Os carros saíram finalmente da estação para a firma onde trabalhamos. A comissão directiva da SEMAL (eleita no plenário acima citado) vai entrar agora em negociações com a IMPEREX para se chegar a um acordo sobre o preço dos carros.»*

No entanto, nas linhas de montagem de Setúbal, não existe só este caso de sabotagem económica. Outras empresas estão a ser atingidas.

«Perante o desenrolar dos acontecimentos da IMPEREX — diz-nos Germano Santos quase a finalizar — *os trabalhadores das linhas de montagem do distrito de Setúbal notam que estão também eles em presença de um boicote de trabalho premeditado, que poderá pôr em risco a sobrevivência de cerca de 4000 trabalhadores. Por isso nós chamamos a atenção das entidades competentes para um assunto desta gravidade.»*

«Por outro lado, nós, trabalhadores da IMPEREX, agradecemos a todos os trabalhadores das linhas de montagem de Setúbal, à Intersindical e ao «Alavanca» a ajuda que nos prestaram na resolução deste problema».

«Alicerce»: UMA COOPERATIVA PARA ELIMINAR CIRCUITOS PARASITAS

Após largos meses de luta exemplarmente conduzida, 300 trabalhadores dos ex-supermercados Nutripol resolveram formar uma cooperativa de distribuição alimentar. Ao tomarem esta medida, os trabalhadores pretenderam, essencialmente, garantir o seu direito ao trabalho que desde há muito lhes vinha sendo negado pelo patronato.

A fim de tomarmos conhecimento de todo este processo, contactámos um elemento da direcção da nova cooperativa, a «ALICERCE», e um membro da ex-Comissão de Trabalhadores.

Foi José Carvalho quem começou por nos declarar: **«A 10 de Dezembro a administração, perante a Comissão Interna de Trabalhadores da Nutripol, declarou que não tinha dinheiro para efectuar os pagamentos do mês de Dezembro bem como o 13.° mês. Os trabalhadores decidiram, desde logo, montar piquetes de vigilância às instalações e congelar as receitas das vendas. Antes do fim do mês conseguimos obter dinheiro para pagar o 12.° mês, até ao montante de 9000 escudos, ficando, todavia, por pagar o 13.° mês até hoje.»**

Entretanto, as manobras por parte da administração continuaram.

«A 9 de Janeiro — prossegue José Carvalho — **a administração convocou uma assembleia geral de accionistas para o hotel Altis, para apreciar e decidir da situação da empresa.»**

Em face desta atitude, os trabalhadores resolveram tomar uma posição. Joaquim Toscana contou-nos o sucedido: **«Nesse dia organizámos uma manifestação junto ao hotel com o fim de mostrar aos accionistas qual a posição dos trabalhadores. Pretendemos com esta manifestação reivindicar, fundamentalmente, o nosso direito ao trabalho. Entretanto, os accionistas não reuniram no hotel Altis e foram reunir noutro hotel.»**

No dia seguinte, os resultados da tal reunião de accionistas fizeram-se sentir. Eis o que nos disse, sobre o assunto, José Carvalho: **«No dia seguinte os trabalhadores receberam uma ordem de serviço, em que era ordenado aos chefes de sector de serviços que procedessem à entrega das chaves, do dinheiro que estivesse à sua guarda, e à recolha das viaturas e respectiva documentação. É claro que não se referiram, uma única vez, aos trabalhadores.»**

Em resposta a esta manobra, os trabalhadores continuaram a laborar normalmente, apesar das dificuldades que se lhes deparavam, dado que à empresa não era concedido qualquer crédito.

Por fim, surgiu o golpe derradeiro. **«A 20 de Janeiro** — continuou José Carvalho — **a administração apresentou ao Tribunal a falência da empresa. Encetámos, então, uma nova forma de luta, e dado que a unidade sempre foi a nossa maior arma, resolvemos fundar uma cooperativa de distribuição alimentar. A 25 de Março, realizámos a última Assembleia Geral de Trabalhadores da Nutripol que foi, simultaneamente, a primeira dos trabalhadores da «ALICERCE». Nessa reunião todos os trabalhadores passaram a ser sócios da nova cooperativa através da sua própria vontade livremente expressa.»**

Mas, porquê a formação de uma cooperativa enquanto forma de luta? Vejamos a explicação que nos foi dada por um dos nossos interlocutores: **«Com a formação da cooperativa pretende-se, por um lado, assegurar o nosso legítimo direito ao trabalho, e por outro, pagar melhor ao produtor contactando outras cooperativas de produção e, consequentemente, eliminar circuitos parasitas colocando bens de primeira necessidade a um preço mais justo. Nesse sentido, estabelecemos já contactos com cooperativas de produção, associações de pequenos comerciantes e associações de moradores.»**

Quanto ao apoio que tem sido dado a esta iniciativa dos trabalhadores da «ALICERCE», José Carvalho adiantou-nos: **«Para a formação da nossa cooperativa contámos com o apoio da Direcção-Geral do Comércio Interno e da Federação das Cooperativas de Produção. Também algumas cooperativas de pequenos agricultores se mostraram vivamente interessadas nesta nossa iniciativa. Quero ainda salientar, que a formação desta cooperativa poderá contribuir para o começo de uma intervenção estatal no sector da distribuição. De resto, estamos conscientes que só teremos êxito se houver uma intenção estatal que consideramos imprescindível.»**

A finalizar esta curta conversa, os nossos entrevistados lembraram: **«Poderão ser sócios todos os trabalhadores que exerçam a sua actividade na «ALICERCE». Por agora somos 300 tantos quantos os que se mantiveram unidos durante estes meses de luta. Esperamos, pois, que este número aumente.»**

Que assim seja e, já agora, boa sorte a todos quantos trabalham na «ALICERCE».

CÂMARA DE COMÉRCIO ITALIANA

Trabalhadoras portuguesas foram despedidas por uma empresa estrangeira: a Câmara de Comércio Italiana. Esta fez os despedimentos alegando falta de dinheiro devido ao «substancial aumento de encargos com o pessoal e despesas de funcionamento e orientação emanada do Ministério Italiano para o comércio externo», afirma-se num comunicado do Sindicato dos Profissionais de Escritório do Distrito de Lisboa.

«Tal procedimento — adianta o referido comunicado — no aspecto legal, é abusivo, dado que, à luz do Decreto-Lei 783/74, e atendendo ao número de empregados da referida Câmara, constitui um despedimento colectivo, não havendo por parte da entidade patronal a observância dos trâmites daí decorrentes». Por outro lado, considera aquele Sindicato que os despedimentos ora efectuados são, no plano social, «discriminatórios» porque só afeta trabalhadores portugueses» e, no plano político, é de estranhar «a adopção de medidas limitativas precisamente no momento em que se torna bastante pertinente um maior apoio, não só ao comércio de exportação, como encorajamento à importação de produtos fundamentais para a manipulação dos negócios a que diversas empresas estão vinculadas».

O Sindicato dos Profissionais de Escritório que não aceita estes despedimentos, aguarda — do direito ao trabalho — que a Câmara de Comércio Italiana «reconsidere o seu procedimento».

Se isto não acontecer o referido Sindicato vê-se obrigado «a desenvolver as formas de luta que achar mais convenientes em apoio das profissionais em causa».

ENTREVISTA COM A CPS DA C. M. DE LISBOA

SOMOS PELA INTEGRAÇÃO NO SINDICATO DA FUNÇÃO PÚBLICA

Pela primeira vez os trabalhadores da C. M. L. foram às urnas, para elegerem a sua Comissão Pró-Sindical. A vitória coube à Lista B. Para sabermos quais as dificuldades que se deparam àquela Comissão e, também, quais as suas bases programáticas, contactámos dois elementos da referida Comissão.

Sobre a evolução dos acontecimentos, Joaquim António disse-nos:

«Após o 25 de Abril os trabalhadores da Câmara movimentaram-se e surgiu uma comissão «ad hoc». Mais tarde foi eleito pelas direcções de serviço um secretariado, como evolução normal da comissão «ad hoc». Entretanto, a actuação deste secretariado começou a descontentar os trabalhadores. Houve então várias reuniões de delegados dos trabalhadores. Nessas reuniões houve sérios problemas, chegando-se ao ponto de ninguém se entender, o que provocou a divisão dos trabalhadores.»

Numa reunião os trabalhadores manifestaram-se pela suspensão do secretariado. Sobre isto, Vital Ruivo adiantou-nos: **«Em fins de Dezembro, numa reunião de delegados, aqueles que estabeleciam os contactos entre os trabalhadores e o secretariado, alargada aos outros trabalhadores, onde se encontravam também elementos do secretariado, pôs-se à votação da assembleia a demissão do secretariado, tendo sido aceite. No entanto o secretariado não só não aceitou a sua demissão como contestou a própria reunião.»**

Como o secretariado se manifestou contra a decisão dos trabalhadores, resolveram estes eleger uma mesa que elegeria, por sua vez, uma Comissão Eleitoral. Esta comissão tinha como funções tratar todos os problemas relacionados com as futuras eleições. Foi aprovado também o funcionamento das eleições. Apareceram então 2 listas: a lista A e a lista B. A lista A, sob o lema «Unidade na luta sindical», acabou por ser derrotada no passado dia 7, por uma margem de 1387 votos a favor da lista B, cujo lema era «Unidade, vitória dos trabalhadores». Sobre como decorreram as eleições, Joaquim António referiu: «Nestas eleições verificou-se uma grande afluência às urnas por parte dos trabalhadores camarários, posto que, dos 7388 recenseados apareceram a votar 5031, portanto 68%, o que é francamente bom. Aqui os trabalhadores souberam demonstrar a sua opção que se traduziu por uma vitória da lista B em todas as assembleias de voto. Em três assembleias de voto a lista B obteve mais de 70% dos votos. Assim, enquanto a lista A obteve 1681 votos, a B obteve 3068, respectivamente 65% e 35% dos votos apurados.»

Acerca das diferenças de actuação por parte de uma e outra, Vital Ruivo informou-nos: **«As reivindicações existentes nas duas listas são semelhantes, dado que há problemas dos trabalhadores demasiado evidentes para que qualquer das listas os incluísse nos seus programas. A principal diferença entre nós e eles residia nas formas de actuação prática. Nós temos inclusivamente conhecimento de atitudes antidemocráticas levadas a efeito por eles, como, por exemplo, o que aconteceu em diversas reuniões em autarquias locais, não só ao nível regional mas também nacional, em que eles tomaram posições e defenderam aspectos sem dar conhecimento nem consultar os trabalhadores, chegando mesmo a atacar a nossa lista.»**

PROGRAMA

A lista A entende como tarefas principais a concretizar, seis pontos fundamentais: «1 — Saneamento de pessoas e estruturas», criando, assim, «condições para colocar o aparelho de Estado ao serviço da via socialista», ao mesmo tempo que permitirá uma «ampla discussão e participação efectiva de todos os trabalhadores», sem receio de represálias. «2 — Dinamização sindical» que, na prática, se concretizará por um contacto bastante íntimo entre os trabalhadores e a Comissão Pró-Sindical. «3 — Informação», fomentando os «grupos de trabalho que estudem as questões mais prementes» como: «Elaboração de um Estatuto da Comissão Pró-Sindical; preparação e formação de delegados sindicais; sessões de esclarecimento sindical; criação de um Boletim Informativo e ainda a realização de sessões de esclarecimento de interesse geral dos trabalhadores.» «4 — Dinamização Cultural» promovendo «cursos de alfabetização; teatro; canto; biblioteca, etc.» «5 — Reivindicações» como: «Passagem de todos os trabalhadores a um quadro único, usufruindo todos os mesmos direitos; adaptação do quadro às exigências que o trabalho a desenvolver imponha; abolição dos concursos por se considerarem arbitrários e fraudulentos; redução e uniformização de categorias; redução do leque salarial, criação de diuturnidades e aumento do subsídio de férias; abolição de qualquer discriminação social no que respeita a relações de trabalho e humanas entre os trabalhadores e as hierarquias, sem paternalismos e servilismos; conquista de condições de higiene e de segurança nos locais de trabalho; direito de contestar o comportamento antidemocrático, a capacidade profissional e as decisões dos superiores, participação dos trabalhadores na preparação de inquéritos disciplinares, bem como de, em plenário, impugnar as penas disciplinares aplicadas; criação de subsídios, através de um esquema alargadado de refeitórios com a distribuição de refeições; acesso gratuito ao sistema de transportes da cidade, assistência aos trabalhadores no activo e reformados integrada num sistema geral de saúde e previdência eficaz, no período de gravidez deverão ser garantidos períodos mais longos, antes e após o parto e toda a assistência sem discriminação do estado civil; criação de dispensários, creches, infantários; direito à reforma por inteiro, com redução dos anos de serviço e do limite de idade; no caso de afastamento da função pública por passagem ao exercício de actividade privada ou vice-versa, que seja contado o tempo de serviço efectivo, abolindo-se o limite de idade dos 35 anos para admissão; criação da pensão de viuvez; actualização das pensões de reforma de acordo com os aumentos do vencimento dos trabalhadores no activo»; «6 — Organização interna da Comissão Pró-Sindical» garantindo «tempos livres para a Comissão Pró-Sindical com a organização de Serviços Administrativos, de forma a satisfazer prontamente pedidos de informação e necessidades de actuação que possam surgir; criação de um Gabinete de Contencioso»; «Elaboração do regulamento que defina as funções e atribuições do delegado sindical.»

«Estes são os principais pontos que nos parecem fundamentais para levar a cabo a tarefa que nos propusemos — continua Vital Ruivo. — **No entanto, presentemente a nossa tarefa principal é a elaboração dos estatutos, conforme o decidido pela comissão eleitoral. Paralelamente, no entanto, procuraremos dar seguimento a todo o nosso programa. Estamos já a preocupar-nos com a formação de de uma estrutura que efectivamente possa corresponder ao anseio dos trabalhadores.»**

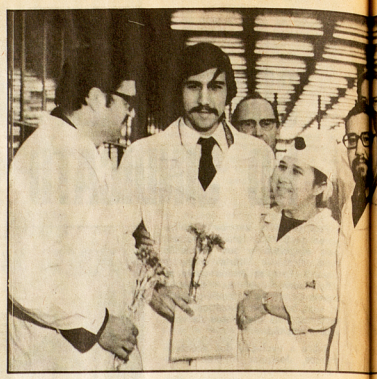
PROBLEMAS FUNDAMENTAIS

Indagando sobre quais os problemas fundamentais com que se debate presentemente aquela organização sindical foi-nos dito por Vital Ruivo: **«Os principais problemas com que nos debatemos são vários e diversos, que são, no entanto, consequência directa do regime fascista. A desmobilização dos trabalhadores que foram afastados deliberadamente de toda e qualquer actividade sindical; a grande percentagem de analfabetos que atinge os 10%; a falta de politização; o individualismo com a consequente falta de associativismo, isto, claro, a nível pessoal. Se bem que seja difícil modificar toda esta mentalidade, preparada**

Continua na página 11

A PROPÓSITO DUMA CONFERÊNCIA EM ARGEL

A grande maioria dos países do Terceiro Mundo têm um enorme interesse e apoia decididamente a nova situação democrática em Portugal. Em caso de boicote económico ao nosso país, por parte das potências que pretendem contrariar a libertação do nosso povo as nações do Terceiro Mundo prestar-nos-iam a sua solidariedade activa — tal foi a conclusão que a delegação da Intersindical Nacional, presente em Argel numa conferência sindical dos países produtores e consumidores de petróleo, retirou dos contactos ali havidos. Acolhidos com o maior carinho na Argélia, não só pelos delegados locais, mas também por todos os representantes estrangeiros, que participaram na conferência, os nossos camaradas Álvaro Rana, José Gomes (membros do Secretariado) e Vasco Cal (técnico económico), deram assim mais um contributo decisivo para a abertura de Portugal ao mundo exterior. Sobre esse encontro — realizado em 27, 28 e 29 de Março por iniciativa da Federação Argelina do Petróleo — e sobre o papel que a Intersindical Nacional tem desenvolvido no plano das relações com os países estrangeiros, ouvimos Álvaro Rana.



Os camaradas Antero Martins, Carlos Carvalho e João Fonseca visitando uma Pokhmelnova Antonina, membro do Presidio do Conselho Central dos Sindic

ENTREVISTA

SOLIDARIEDADE ACTIVA DO TERCEIRO MUNDO PARA COM PORTUGAL

«A conferência de Argel tinha em vista apreciar o problema do petróleo e as formas de luta a encetar pelas organizações sindicais face a este gravíssimo problema. No decurso desta conferência, os trabalhadores, através das suas organizações sindicais presentes — e estavam praticamente representantes de todo o mundo — transformaram esta conferência num apelo à realização duma conferência sindical mundial, não só sobre o problema do petróleo como ainda sobre o problema mais geral de todas as matérias-primas, tendo em vista tomarem-se posições no sentido de se nacionalizarem todos os recursos naturais em matérias-primas. Considerando também importante nessa próxima conferência sindical mundial que se abordasse firmemente o problema do desenvolvimento.» — começou por nos declarar Álvaro Rana.

A ajuda do Terceiro Mundo

— Na conferência de Imprensa que vocês deram sobre o encontro de Argel disseram que os países do Terceiro Mundo se tinham comprometido a ajudar Portugal em caso de boicote. Em que é que se concretizaria essa ajuda?

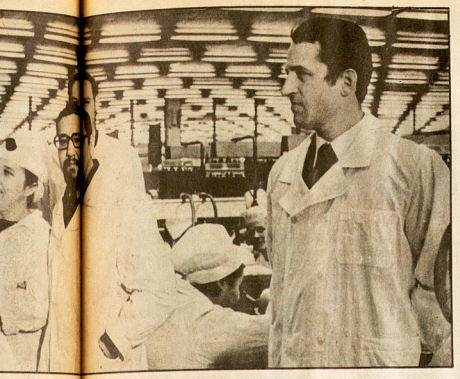
— Efectivamente não se trata da parte dos camaradas do Terceiro Mundo dum compromisso. É sim uma disposição que eles demonstraram amplamente em todos os contactos que tiveram com a delegação portuguesa de considerarem a actual situação em Portugal como se eles próprios a vivessem. Eles consideram que o avanço do processo democrático em Portugal tem profundos reflexos na situação dos países do Terceiro Mundo, dos países em desenvolvimento. Nós considerámos em conjunto que as características que o nosso país apresenta são extremamente semelhantes às dos países do Terceiro Mundo, mas considerámos também — este é talvez um dos aspectos que há a salientar — que a luta que se desenvolve em todo o mundo é uma luta contra o imperialismo, no qual se destaca a posição agressiva dos E. U. A. Eles consideram, portanto, que é uma luta que interessa aos povos do Terceiro Mundo, aos países em vias de desenvolvimento, mas que interessa também a todos os trabalhadores, mesmo dos países considerados industrializados, porque eles são alvo da mesma exploração que os trabalhadores dos países do Terceiro Mundo.

— Agora um pouco entre parêntesis: o primeiro-ministro falou de certos casos de boicote económico que os países estrangeiros têm estado a fazer em relação ao nosso país. O Secretariado da Inter tem conhecimento concreto de alguns casos desses?

— Há imensos indícios de tentativas de boicote ao desenvolvimento económico do País. Nós preferimos neste momento não evocar os casos concretos que já se conhecem. Podemos é afirmar — isto é que nos parece extremamente importante — que estamos a ser alertados por um grande número de centrais sindicais de outros países, que nos alertam para casos concretos de boicote à economia portuguesa. Isto para provar o amplo movimento de solidariedade que existe em todo o mundo dos trabalhadores desses países em relação aos trabalhadores portugueses.

Petróleo: concessões possíveis

— Achas possível que os países produtores de petróleo, no-



João Fonseca visitando uma fábrica de relógios na URSS acompanhados pela camarada Conselho Central dos Sindicatos Soviéticos. durante uma visita de trabalho àquele país.

IVA
DO
GAL

mundo dos traba-
países em rela-
adores portugue-

cessões possí-

sível que os pai-
de petróleo, no-

meadamente a Argélia, nos concedam facilidades na compra desse produto?

— Dos contactos estabelecidos, ficámos com a convicção de que a Argélia nesta altura tem, em relação a Portugal uma política de total abertura. Admitimos, por isso, que sejam possíveis concessões muito especiais ao nosso país. Estou amplamente convencido de que se as potências que não estão neste momento interessadas no desenvolvimento do processo português, se atrevessem a estabelecer para Portugal um bloqueio económico, essa ajuda viria ainda em formas que amplamente demonstrariam o desejo desses povos, nomeadamente do povo da Argélia de auxiliarem Portugal na concretização do processo democrático.

Papel da Inter nas relações externas

— Creio que se pode afirmar que a Intersindical tem tido um papel muito importante na abertura do nosso país a outros países, mediante contactos internacionais de que talvez este de Argel seja o mais significativo. Não poderás fazer uma breve história dos contactos internacionais que a Inter teve depois do 25 de Abril e que tenham aberto via a outros contactos a nível oficial?

— Efectivamente nós temos desempenhado um papel que se reveste a nosso ver de bastante importância, sobretudo no aspecto que visa desmistificar todo o tipo de confusões e de deturpações que se têm lançado sobre a política que actualmente se desenvolve em Portugal e da forma como os acontecimentos se desenrolam no nosso país. Nesse aspecto, temos plena consciência de que temos desenvolvido uma acção que muito tem beneficiado o nosso país, nomeadamente os trabalhadores. Depois do primeiro contacto internacional, estabelecido em Junho de 1974, com a presença duma delegação portuguesa, que foi a primeira que efectivamente levou trabalhadores portugueses escolhidos pelos trabalhadores portugueses — e isto na conferência anual da Organização Internacional do Trabalho (O.I.T.), em Genebra — temos desenvolvido bastante os nossos contactos com todas as organizações sindicais dos outros países. Um dos encontros de maior relevo efectuou-se em fins de Fevereiro deste ano, em Genebra também, sob o âmbito da O.I.T., em que participámos numa conferência sindical europeia sobre problemas de meio ambiente, segurança no trabalho e higiene. Efectivamente nesta conferência estivemos reunidos com, praticamente, todas as centrais sindicais europeias. Digamos que depois do 25 de Abril foi o reconhecimento a nível europeu da Intersindical Nacional como central única dos trabalhadores portugueses. Outro dos contactos que reputamos da máxima importância foi o de agora na Argélia, onde pudemos, pela primeira vez, conviver com as representações sindicais de todo o Mundo, nomeadamente com as dos países do Terceiro Mundo, e, em especial, dos países árabes, da África e da América Latina. Foi um contacto extremamente importante para nós em muitos aspectos. Sentimos profundamente este contacto, pela forma carinhosa com que a delegação portuguesa foi recebida, porque, por um lado, se veio revelar o apreço em que é tido actualmente a evolução da situação portuguesa, por outro lado, para nós revelou que quando os povos, nomeadamente os trabalhadores não estão subjugados a regimes fascistas — é possível, qualquer que seja a nacionalidade, qualquer que seja a cor, qualquer que seja a crença religiosa, todos os trabalhadores conviverem da forma mais fraterna. Pudemos pois verificar o grande interesse que os trabalhadores presentes de todos estes países denotam pela situação actual que se vive no nosso país. Daí que nos tenha parecido que foi um passo muito grande para a consolidar do avanço da revolução portuguesa.

«A etapa actual da luta política e económica dos trabalhadores portugueses tem como objectivos essenciais a consolidação das conquistas alcançadas pelo Movimento do 25 de Abril e o reforço do processo democrático e antifascista no nosso país. Mas os trabalhadores portugueses não perdem de vista que a luta anti-imperialista não pode limitar-se ao interior das fronteiras dum país, dada a estratégia do nosso inimigo. O inimigo de todas as massas trabalhadoras exerce uma dominação mundial. Por conseguinte, para ser eficaz, toda a luta exige a solidariedade internacional» — disse, em entrevista ao jornal argelino «El Moudja hid» o nosso camarada Álvaro Rana.

Outras passagens dessa entrevista:

«A presente fase do movimento operário português é determinada pelo aspecto organizacional» (...) «Os trabalhadores portugueses decidiram fundar uma central sindical única» (...) «esta central tem um papel fundamental como garante do processo revolucionário e meio político essencial na conquista das liberdades democráticas» (...) «Os inimigos principais dos trabalhadores portugueses são os monopólios estrangeiros e nacionais, cuja presença se manifestou sempre por uma feroz exploração dos recursos naturais do País e da força de trabalho» (...) «A luta política está estreitamente ligada à luta económica pelo controlo das matérias primas em proveito dum desenvolvimento nacional integrado e da instauração duma nova ordem económica internacional definida pela 6.ª sessão extraordinária das Nações Unidas.»

Auxílio finlandês

— Para além do auxílio moral e do apoio que vocês têm tido dessas organizações, podes dizer o auxílio material mais importante que tenham tido?

— Esse auxílio material, até aqui tem vindo a concretizarse através de ajuda fraterna das várias organizações sindicais dos países socialistas. Em primeira mão dou-te a notícia de que recebemos agora um auxílio fraterno da União dos Trabalhadores da Construção Civil da Finlândia. Vieram entregar directamente a Portugal uma contribuição dos trabalhadores da construção civil finlandeses para os trabalhadores portugueses no montante de 34 mil escudos. Esta é apenas uma primeira manifestação de solidariedade material, porquanto vão seguir-se idênticas manifestações doutros sectores de trabalho da Finlândia.

Luta antimonopolista

— Voltando a Argel, qual foi a principal característica da conferência a que tu assististe?

— O aspecto dominante da conferência foi o reconhecimento do papel nefasto que têm tido para os trabalhadores os monopólios e a exploração imperialista, e o papel extremamente grave desempenhado nomeadamente pelos E. U. A. Esta conferência desenvolveu-se sob o signo da luta antimonopolista e pela libertação dos povos da exploração deste sistema agressivo. Teve também outro aspecto extremamente importante, que foi o apelo a todas as organizações sindicais, portanto, a todos os trabalhadores do Mundo para que, de todas as formas activas, contribuam para a libertação de todos os povos que no Mundo se encontram sob o jugo fascista, nomeadamente os nossos camaradas chilenos e os nossos camaradas espanhóis. Fez-se igualmente um veemente apelo de solidariedade para com os povos do Vietname, Camboja e Laos, que o imperialismo americano submeteu a uma guerra desumana e devastadora. Um caso, extremamente tocante, focado foi a situação do povo palestiniano, a sua resistência heróica à agressão sionista. Para dar uma ideia do aperço em que é tida a actual situação portuguesa, na declaração final, além do apelo à solidariedade para com todos estes povos, que se encontram sob o jugo fascista, foi incluído um apelo a todos os trabalhadores do Mundo para que estejam alerta, ajudando os trabalhadores portugueses a consolidarem a democracia portuguesa.

Acção mundial

— Na conferência de Argel foi discutida uma acção que os sindicatos a nível mundial poderão ter na luta contra os monopólios, nomeadamente as multinacionais?

— Uma das conclusões mais concretas foi a de que os trabalhadores se batam, por todas as formas, para acabarem com o domínio dos grandes monopólios petrolíferos e pela nacionalização das grandes empresas que dominam o campo do petróleo e prospecção de todos os grandes mo-

(Continua na página 12)

A IMPORTÂNCIA DA LUTA IDEOLÓGICA

Há muito que o movimento sindical unitário português se difine pela prática consequente de um verdadeiro sindicalismo de classe. Antes do 25 de Abril e após o derrube do fascismo, o movimento operário português tem travado combate nas três frentes da luta de classes. Desenvolvendo ao mesmo tempo a luta económica, a luta política e a luta ideológica, os trabalhadores portugueses têm sabido relevar em cada momento a frente principal de combate. Avançar em cada uma daquelas frentes implica, muitas vezes, avançar nas restantes. Foi assim, por exemplo, que em Novembro do ano passado se tornou imperioso para o movimento sindical unitário português o reforço da luta ideológica. Vencer a batalha da unicidade era, naquele tempo, um objectivo cultural. Para isso era imprescindível mobilizar as grandes massas da classe trabalhadora. Só a imensa força dos trabalhadores conscientes dos seus interesses poderia convencer os sectores mais hesitantes e levar de vencida os que jogam na sua divisão. Na criação das condições que permitiram vencer esse combate teve importância dicisiva a luta ideológica.

Apontar o conteúdo de classe do conceito de liberdade, dintinguir liberdade do liberalismo, situar o pluralismo em relação à situação histórica que vivemos foi o caminho correcto para esclarecer as grandes massas, unir os trabalhadores, galvanizá-los para a luta. Assim se impôs a adesão de cúpulas; assim se criaram as condições para que o 14 de Janeiro fosse uma jornada inesquecível.

Vencendo a batalha da unicidade, o movimento operário português deu um vigoroso passo em frente e firmou os pés para futuros combatentes. Cresceu, naturalmente, aos olhos do inimigo. O que o torna, é certo, um alvo mais apetecido, mais fácil de atingir mas ao mesmo tempo, mais difícil de derrubar — se se mantiver vivo.

O processo revolucionário português continua a avançar com celeridade, o que impõe um desdobramento incansável de esforços, uma atenção desperta para os caminhos novos que se abrem, uma energia inesgotável.

Desde Janeiro, a situação em que travamos o nosso combate contra a exploração modificou-se substancialmente. Hoje, não encaramos somente o combate à exploração. Podemos perspectivar o derrube da própria exploração. A este novo estádio da nossa luta correspondem tarefas distintas das anteriores. Ver claro na nova situação é imprescindível para que consigamos avançar. E a alternativa não nos permite hesitações: avançaremos — de outro modo sairíamos esmagados pelo regresso ao passado.

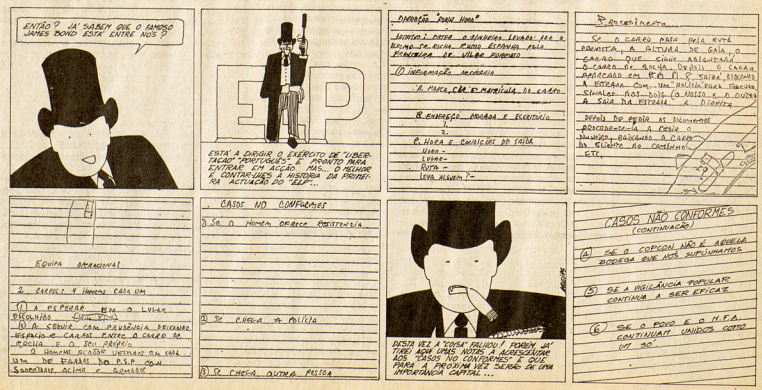
Mais uma vez, avançar implica mobilizar, alargar a frente dos combatentes activos. E desta vez não se trata, apenas, de conseguir uma vitória global, apoiado numa maioria. Trata-se, sim, de implantar um pelotão em cada local de trabalho. Trata-se de ganhar o domínio do terreno.

Nestas condições mais uma vez se impõe o reforço da luta ideológica. Temos de prepararmos para ela com afinco e temos de conduzi-la com energia e confiança temos de prepararmo-nos, porque os problemas são complexos e a influência ideológica da burguesia nos tocou a todos. Temos de usar de energia, porque o nosso inimigo tem profundos interesses em jogo, vai defendê-los encarniçadamente e conta, para tanto, com fortes posições económicas, políticas e ideológicas. Temos de lutar com confiança porque somos, como classe, os únicos que podemos compreender e dizer toda a verdade sobre o processo histórico que vivemos. Por isso é cue podemos estar certos de que os mais complexos problemas serão profundamente compreendidos pelos operários, com a facilidade que lhes empresta o facto de constituirem a classe revolucionária, a classe que abre o futuro — a única que pode dizer a verdade e tem interesse em dizê-la porque não tem nada a perder e tem tudo a ganhar com a liquidação da exploração.

Urge esclarecer questões como a liquidação do capitalismo monopolismo de Estado e a sua inserção táctica numa estratégia anticapitalista; o capitalismo de Estado e o seu lugar no advento duma sociedade socialista; o controlo democrático da economia e as ligações com a natureza do Estado e o seu aparelho; a distincão entre a vigilância dos trabalhadores de cada empresa sobre a gestão, numa perspectiva de classe, e o exercício autónomo da gestão, numa perspectiva de grupo; as relações entre o sector público da economia e o sector privado não monopolista; a diferenciação entre as nacionalizações e confiscos, por um lado, e a criação duma economia socialista, pelo cutro, etc.

Vencer a batalha do esclarecimento sobre estas **questões actuais** é ganhar os trabalhadores para uma luta organizada e consequente por objectivos necessários ao advento de uma sociedade sem exploração: a estabilidade económica, para já, o desenvolvimento económico ao serviço dos trabalhadores, a seguir.

AVELINO GONÇALVES



relação ao homem e com a vantagem de desempenhar as mesmas tarefas (o que torna clara a sua situação de mais explorada e proporciona maiores lucros às empresas monopolistas). No início desta indústria as mulheres trabalhadoras eram tão jovens que era preciso pôr-lhes um banco debaixo dos pés para chegarem às bancadas».

No capítulo da hotelaria, após referir que cerca de 40 % do total da força de trabalho daquele ramo é constituído por mulheres, declarou: *«Durante largos anos a política turística foi uma arma na mão do regime fascista português então vigente, que visava ser essencialmente CRIAR UMA IMAGEM que de algum modo contrabalançasse a imagem política exterior. Assim, na ânsia de o controlar e limitar, incrementou-se o turismo de luxo, aberto apenas a alguns, a quem eram proporcionadas condições de extremo requinte. Isso implicava, e tinha como consequência por um lado a marginalização da população portuguesa do fenómeno turístico, e por outro uma exploração desenfreada de mão-de-obra que permitisse a satisfação de uma prestação de serviços luxuosa e rendível.»*

Quase a terminar Beatriz Santana chamou a atenção para a campanha de calúnias que se tem levantado a nível internacional contra a jovem democracia portuguesa. Sobre o assunto, e a terminar, declarou: *«Fazemos daqui um apelo à solidariedade internacional de todas as pessoas imbuídas de espírito democrático, à solidariedade do internacionalismo proletário, e à solidariedade dos jornalistas presentes e ausentes que se interessem pelos problemas humanos e concretos, no sentido de desmascarar esta campanha engendrada por forças adversas à jovem democracia portuguesa, e que visam destruí-la, impedindo o uso de um direito fundamental do homem que é o Direito ao Trabalho. Fazemos também um apelo no sentido de — podendo — visitarem Portugal este ano, e assim constatem a verdade dos factos, e receber o calor humano de todos os trabalhadores portugueses.»*

Numa demonstração de apreço para com a nova situação portuguesa, a delegação da Intersindical foi convidada a presidir à mesa durante parte da Ordem de Trabalhos, tendo Beatriz Santana conduzido os trabalhos.

Beatriz Santana durante um almoço realizado entre duas sessões de trabalho. Na foto vêem-se da direita para a esquerda o Presidente dos Sindicatos da Coreia do Norte, Sim Hong Gyn, Américo Nunes membro da delegação portuguesa, Presidente dos Sindicatos do Daomé, Antoine Mnoukon e Matias Gaspar representante do MPLA.

«É com profunda alegria que, em nome das mulheres portuguesas, da Intersindical Portuguesa, do Sindicato das Indústrias de Tabaco de Portugal e do Sindicato da Indústria Hoteleira, saúdo todos os camaradas presentes, pela luta travada em prol da dignificação do trabalho feminino e pela completa emancipação da mulher.» Assim começou a intervenção de Beatriz Santana em nome da delegação da Intersindical, presente no Simpósio Internacional sobre os problemas da mulher trabalhadora na indústria de tabacos, alimentação e hotelaria. O Simpósio foi em Berlim, na República Democrática Alemã, nos passados dias 10 e 11.

Mais adiante, a camarada Beatriz Santana declarou: *«Hoje, os portugueses têm plena consciência de que temos que construir um Portugal novo: neste capítulo as mulheres têm um grande papel a desempenhar. A escravidão em que viveram durante os longos anos de fascismo, mal remuneradas, sem condições materno-sociais, e a desempenhar um trabalho duplo na sociedade, no emprego e em casa a cuidar dos filhos, reflecte-se na grande percentagem de mulheres trabalhadoras doentes. Os baixos salários que auferiam, desempenhando funções idênticas às dos homens, a falta de creches e jardins infantis faziam da mulher trabalhadora uma autêntica escrava. Toda esta situação foi agravada pelo analfabetismo, pela emigração em grande escala, pelos 13 anos de guerras coloniais, onde milhares de portugueses perderam a vida e outros regressaram mutilados e inutilizados para sempre, sem contar com os imensos sofrimentos causados aos povos das ex-colónias portuguesas, que daqui saudamos muito fraternalmente.»*

Referindo-se, em seguida, ao sector do tabaco lembrou que cerca de 52 % dos trabalhadores daquela indústria são mulheres, afirmando que *«as razões dessa preferência residem especialmente no desnivelamento de salários em*

CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA

(Continuação da página 7)

durante 48 anos, mais difícil se torna quando se trata das estruturas. Tudo aí, na verdade, reflecte os processos fascizantes introduzidos na função pública.»

«Relativamente aos quadros existem também grandes problemas, posto que há uma grande percentagem de trabalhadores que se encontram fora do quadro, não gozando, por este motivo, das regalias sociais que os trabalhadores do quadro possuem.»

Como exemplo das irregularidades existentes neste sector, Joaquim António contou-nos: **«Há trabalhadores na C.M.L. que, quando se empregaram, possuiam já uma pensão, outros existem que ainda se encontram ao serviço apesar de possuirem uma idade bastante avançada, que lhes proporcionaria noutro emprego a reforma.»**

Aqueles trabalhadores sentem também a falta de um organismo que dê seguimento às suas reivindicações. Sobre isto Joaquim António continuou: **«Temos falta de um organismo dependente da Comissão Administrativa que dê seguimento às nossas reivindicações.»** Como exemplo disto referiu: **«O vice-presidente emanou um despacho — o 54/74 — para que os trabalhadores apresentassem propostas de reestruturação e alteração de categorias até ao dia 31 de Janeiro. Apesar de os trabalhadores a terem entregue, até agora ainda não saiu qualquer resposta. Claro que os trabalhadores se sentem lesados por isto. Ora é evidente que, se o tal organismo existisse, as nossas reivindicações seriam mais rapidamente atendidas e teriam maior aval da comissão administrativa, porque actualmente nem sequer se sabe se esta resposta é dada por um grupo de trabalhadores ou pela presidência.»**

QUE SINDICALISMO?

Perguntando qual o tipo de sindicalismo defendido e em qual dos movimentos sindicais se integrariam, se no das autarquias locais, ou no da função pública, foi-nos respondido por Vital Ruivo: **«Relativamente à primeira pergunta posta, nós somos pelo sindicalismo vertical e pela unicidade sindical e pela Intersindical; relativamente à segunda, somos pela integração no da função pública, o que não quer dizer, até mesmo por falta de contactos, que não estejamos interessados em conhecer e mesmo acompanhar o das autarquias locais.»** Sobre este assunto mais nos disse Joaquim António: **«Nós somos pela união de todos os trabalhadores, pelo que pensamos que 300 000 trabalhadores terão mais força que apenas 7000, além de que todos os trabalhadores da função pública se regem pelo mesmo código administrativo e dependem todos do mesmo organismo — o Estado: logo pensamos que o da função pública corresponde melhor a isto.»**

FALTA DE MÃO-DE-OBRA

Acerca da falta de mão-de-obra especializada existente na C.M.L., Joaquim António disse-nos quase a finalizar:

«Existe imensa falta de mão-de-obra especializada. Ora, nós pensamos que alguns que se encontram no desemprego teriam hipóteses de arranjar um emprego, neste organismo do Estado.»

Ganhou a lista da «Unidade», que se bate «pelo movimento sindical unido» para «assegurar a efectiva defesa» dos interesses dos trabalhadores. Lista que se manifesta «contra aqueles que pretendem a divisão» do movimento sindical. Ganhou enfim a Comissão Pró-Sindical que melhor corresponde aos anseios dos trabalhadores da C. M. L.

Continuação da página 9

Antero Martins, do secretariado da Inter, em 1974, em Genebra, por ocasião da 59.ª conferência da OIT. Foi esta a primeira vez que trabalhadores portugueses estiveram representados numa sessão da OIT por camaradas livremente eleitos.

nopólios que dominam e exploram as matérias-primas, pondo os povos em situação de explorados.

— A Intersindical Nacional manifestou já, por várias vezes, o seu desejo de não se filiar em nenhuma das centrais sindicais mundiais. No entanto, com certeza encara a hipótese de uma luta em unidade com outras centrais sindicais e com outras organizações sindicais do Mundo, porque por exemplo a luta contra as multinacionais exige uma colaboração activa dos sindicatos dos vários países.

— Exactamente. Para nós é extremamente importante, quer na situação que vivemos (em que procuramos por todos os meios consolidar a revolução portuguesa), quer depois de esta se encontrar consolidada, continuaremos estreitamente unidos a todos os trabalhadores do Mundo, porque todas as situações em que os trabalhadores sejam vítimas da exploração interessam não só aos povos desse país, mas a todos os trabalhadores do Mundo. Por isso, nós damos a maior importância a uma luta comum e solidária entre todos os trabalhadores. O facto de não nos filiarmos em nenhuma das centrais sindicais mundiais visa, pelo nosso lado, um aspecto: o movimento sindical português é um movimento unitário e a filiação em qualquer das centrais poderia quebrar essa unidade. Nós consideramos, que para o caso português, uma das características fundamentais é preservarmos a nossa unidade, porque isso dá mais força ao conjunto dos trabalhadores. Isto não impede, é evidente, que mantenhamos as melhores relações com todas as centrais sindicais, mundiais e nacionais.

— Mas isso não dificultará um pouco a acção internacional conjunta?

— Nós pensamos que não, e o que temos verificado é que todas as organizações sindicais, quer de âmbito nacional, quer de âmbito internacional, têm compreendido esta nossa posição, se têm mostrado dispostas efectivamente a colaborar connosco, e, se alguma excepção há, será porque se foge um bocado àquilo que é o interesse dos trabalhadores, para se passar para um campo que já não tem nada a ver com o aspecto básico da luta dos trabalhadores.

— De qualquer modo, uma coisa também é de realçar: é que, apesar do que certos grupúsculos e certos partidos com certas responsabilidades no nosso país dizem acerca da Intersindical Nacional não ser devidamente representativa, o certo é que internacionalmente a Intersindical é reconhecida de facto como a única central e a verdadeira representante dos trabalhadores portugueses.

— Isso efectivamente é um facto, e leva-nos sempre a esta constatação: é que a representatividade da Intersindical tem-se alicerçado na luta que tem conduzido, na procura duma justa luta que interesse efectivamente a todos os trabalhadores portugueses. Nós estamos um bocado à margem das questiúnculas de tipo teórico e temos cimentado efectivamente a nossa acção em acções muito concretas e práticas, cujos resultados estão bem à vista, quer dentro do nosso país, quer no estrangeiro.

Primeiro de Maio em todos os continentes

— Que outros contactos estão previstos a nível internacional?

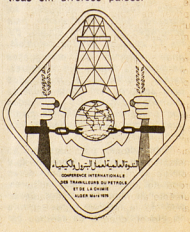
— Nós temos recebido convites de praticamente todos os países para assistirmos às comemorações do 1.º de Maio, o que nos tem criado problemas, dado que não podemos afastar um número de quadros tão grande como a presença implicaria em todos os países do Mundo. Apesar disso, estaremos representados em praticamente todos os continentes, e começamos a preparar-nos, também, para a próxima conferência internacional da OIT, a sua 60.ª sessão. Estamos a preparar todas as nossas posições de acordo com a ordem de trabalhos que está estabelecida para a conferência deste ano.

— Sei que o Marques dos Santos está agora na Checoslováquia. Podes dizer o que ele lá foi fazer?

— O Marques dos Santos deslocou-se à Checoslováquia, e este é o primeiro contacto que temos com o conselho sindical daquele país, no âmbito da solidariedade que os camaradas checoslovacos sempre nos têm prestado. A sua ida foi com a finalidade de concretizar essa ajuda que os camaradas checoslovacos sempre se têm mostrado dispostos a fornecer à nossa central sindical.

— E, para terminar, para além destes encontros com o estrangeiro que se têm tido, através da Inter, também, que eu saiba, há delegações de federações sindicais, e até de sindicatos, que têm tido contactos internacionais.

— Sim, tem havido um grande número de contactos. Por exemplo, no sector da construção civil, que já se deslocou a França, no sector dos técnicos de desenho, no dos metalúrgicos, da hotelaria, tabacos, etc. Quer dizer: há vários camaradas nossos que têm, efectivamente, sido convidados para várias conferências para contactos com organizações idênticas em diversos países.



A INTER EM ARGEL

Declaração de política geral aprovada em Argel

As organizações sindicais reunidas na Conferência de Argel fazem lembrar que o Cartel Internacional (do Petróleo) actuou durante decénios contra as liberdades dos Povos e a Paz no Mundo.

Lembram ainda que isto não é um triste privilégio do Cartel, mas sim uma característica das sociedades multinacionais, como a participação da I. T. T. no «putsch» fascista do Chile o demonstrou.

Protestam com indignação contra as ameaças do Governo norte-americano de intervir empregando a força contra os países produtores de petróleo do Médio Oriente.

Considerando que, nestas condições a situação no Médio Oriente, devido à permanente agressão americano-sionista representa um duplo perigo para a Paz no Mundo e dificulta o processo de desenvolvimento dos Países Árabes, a presente Conferência condena a recusa persistente de Israel em pôr termo ao estado de guerra, reafirma a necessidade absoluta de que Israel se retire de todos os territórios ocupados e que sejam reconhecidos os legítimos direitos ao Povo Palestiniano e reafirma a urgência de que se reuna a Conferência de Genebra sem exclusão da Organização de Libertação da Palestina, único representante do Povo Palestiniano e condição necessária para o estabelecimento nesta região duma Paz justa e durável que passa pelo restabelecimento do Povo Palestiniano na sua Pátria.

Com a mesma vontade e

— considerando que todo o foco de guerra, mesmo limitado, ameaça degenerar numa conflagração mundial,

— considerando que todo o menosprezo da independência e das liberdades de um Povo constitui uma ameaça para todos os Povos,

— considerando, ao inverso, que todo o êxito no caminho da independência, da democracia e da liberdade é um êxito para todos,

a Conferência congratula-se de que se tenha posto fim às discussões entre o Iraque e o Irão, graças à feliz iniciativa do Presidente Houari Boumediène.

Neste ano, em que passa o 30.º aniversário da vitória dos Povos contra o fascismo, a Conferência chama todos os Sindicatos e apoiar activamente:

— a resistência do Povo Palestiniano frente à agressão imperialista-sionista,

— a acção heróica dos trabalhadores espanhóis contra a ditadura franquista que oprime também o Sara «espanhol» e a resistência heróica dos trabalhadores chilenos contra o sangrento regime de Pinochet,

— a luta do Povo Vietnamita pela aplicação dos acordos de Paris, e, mais geralmente, a luta dos Povos da Indochina contra a agressão americana,

— a luta dos Povos africanos contra o sistema do «apartheid», condenado universalmente.

— os esforços do Povo Português para instaurar uma verdadeira Democracia e os esforços dos Povos recentemente libertados da Guiné-Bissau, Angola e Moçambique pela edificação nacional,

— a luta de todos os Povos e forças progressistas pela Independência, pela Liberdade e pela Paz.

DESPORTO

DESPORTO DE MASSAS...
...desporto de competição

O desporto de competição e os seus êxitos só têm algum significado quando possuem como base um vastíssimo campo de recrutamento e só assim se admite e justifica. E admite-se e justifica-se por o desporto de competição nascer de algo de útil e de muito importante. Chamemos-lhe então «geração espontânea».

Isto vem a propósito das críticas que já temos ouvido fazer, especialmente por parte de pessoas alinhadas por determinada linha esquerdista, ao desporto de competição praticado pelos atletas dos países do leste europeu e, até, por Cuba. Cada qual é livre de pensar como quiser e de idealizar o esquema de vida onde desejaria inserir-se, mas, em contrapartida, ninguém pode alhear-se das realidades, nem esquecer as opções que se fizeram a nível de desporto nas sociedades socialistas europeias. Aliás, segundo julgo saber, os «poetas» que ambicionam o desporto sem competição, o desporto apenas como meio de desenvolvimento do indivíduo, vão ter uma surpresa quando um grande país fizer sair do seu seio, para competições internacionais, desportistas que se presume serem de excelente qualidade.

É inevitável. O desporto de competição, que se transforma por isso em desporto-espectáculo, a níveis nacional e internacional, não passa de um campo de luta como outro qualquer e daí eu ter falado, mais atrás, de **opção**. Pois os países de leste também tiveram de optar entre manter escondido o desporto, mesmo aquele que os seus dirigentes viam susceptível de causar impacte nas reuniões olímpicas e outras mais, e mostrá-lo ao mundo. Decidiram-se por o mostrar e agiram bem porque, quando o fizeram, a imagem que, a seu respeito, era fornecida ao mundo, não correspondia à verdade. Nós, aqui em Portugal (claro que me refiro ao grande público e não aos que sempre estiveram identificados com o nível de vida das nações socialistas), fomos massacrados constantemente com agressões ideológicas que nos davam da Europa do leste uma visão absolutamente alterada. Como se sabe, quando da inauguração do Estádio Nacional, chegou a distribuir-se por Lisboa inteira um panfleto impregnado de fascismo onde a U.R.S.S. era acusada de não ter estádios, de não ter futebol, de ser uma nação infeliz.

Lido à distância de trinta anos, para o «provincianismo» lusitano, para a ignorância do nosso triste povo, a U.R.S.S. não ter desporto, não ter, inclusivamente, futebol, punha-lhe perguntas incríveis e esse facto foi aproveitado, como é óbvio, pelos serviços de propaganda do Goebels nacional. Numa palavra, os soviéticos não tinham desporto porque eram uns escravos que nem tempo tinham para o fazer ou para o ver pelo que também não eram necessários estádios.

Todas estas mentiras foram despedaçadas, pouco tempo depois, a nível do futebol, pela magnífica presença do Dínamo de Moscovo em Inglaterra. As exibições da equipa moscovita atingiram tão grande notoriedade que entraram no livro de lendas que depois o público idealizou como aquela dos russos descerem de pára-quedas sobre o rectângulo do jogo.

A propaganda inconsciente, muitas vezes criminosa, que se espalhava no Ocidente acerca dos povos do leste deve ter pesado bastante na decisão dos seus dirigentes de começarem a fazer representar os respectivos países nas competições internacionais. Mas não houve pressas em conseguir equipas condignas, não se fabricaram ídolos, não foi necessário recrutar um grupo de homens e de mulheres e saturá-los de treinos, de estágios, de vitaminas, preparando-os como quem prepara cavalos para corridas, os países do leste tinham o material humano indispensável porque ele tinha brotado espontaneamente do desporto de massas, do desporto para todos que consta das respectivas constituições. Foi só uma questão de escolher e depois de os preparar especificamente para provas onde iriam encontrar profissionais disfarçados pelas mais diversas actividades, com excepção feita do futebol, oficialmente profissionalizado e tão bem defendido, que nas provas europeias e mundiais se juntam e rivalizam conjuntos constituídos por profissionalões e por amadores.

Enquanto os países de leste não apareceram a discutir Jogos Olímpicos, «Europeus», «Mundiais», etc., a propaganda ocidental incidia sobre as suas fracas possibilidades abrindo a porta às mais diversas especulações. Quando checos, soviéticos, húngaros, romenos, polacos, alemães orientais e búlgaros surgiram nos estádios e nas piscinas e começaram a subir, espectacular e regularmente, aos «podiums», nunca mais ninguém se atreveu a dizer que no leste não havia desporto mas, entretanto, descobriram-se novas fórmulas de ataque.

No entanto, a forma de apuramento de atletas nos países do leste europeu não pode ser motivo de especulações. Existe desporto de competição, digamos que mesmo de alta competição, mas existe em contrapartida o desporto generalizado pelas escolas, fábricas, campos, etc. Será o desporto de massas uma fonte inesgotável de grandes atletas. Simplesmente, há uma grande diferença entre aproveitar aqueles que, por vários motivos, atingem um alto grau de perfeição e fabricar ídolos só para estrangeiro ver tendo, simultaneamente, o mais profundo desprezo pela divulgação do desporto entre as grandes massas.

HOMERO SERPA

INATEL: PARA UMA DESCENTRALIZAÇÃO DA CULTURA

Quem reflexivamente se debruçar sobre os temas e variantes do anterior regime facilmente constatará como as coisas se passavam no que respeita à organização socio-política e administrativa em Portugal. Lisboa era o cérebro de toda uma política organizativa macrocéfala, subtraindo qualquer importância aos demais centros e locais. Tudo girava à volta desta cabeça toda poderosa. Daí vinha tudo, quando vinha. A posição dos restantes locais eram de expectativa e sobrevivência.

Ora daqui resultou, causa imediata deste estado de coisas, um amolecimento da parte das populações que, amarfanhadas por toda esta política, perderam pouco a pouco a capacidade de se orientarem e decidirem dos seus assuntos sempre na expectativa dos seus problemas serem resolvidos pelas «sumas e dotas» autoridades administrativas (de Lisboa) que tomaram para si a capacidade de decidir dos destinos dos cidadãos.

Vê-se claramente os inconvenientes que daqui resultam, a incongruência das atitudes tomadas fora da devida altura, de ordens ou pedidos não formulados no tempo devido e isto tudo numa sociedade que tentava modernizar-se e evoluir num ritmo acelerado e no sentido do qual paralelamente eram exigidas uma rapidez e eficiência em todas as decisões.

Não era só no plano administrativo que isto se passava mas também em todos os outros aspectos da vida socio-política. A cultura, por exemplo, única e exclusivamente tinham acesso a ela nas suas multiplas versões, os cidadãos da capital quando a tinham e note-se devidamente desmembrada pela censura fascista. Por exemplo, um filme, uma peça de teatro, um simples livro, portadores de uma visão mais progressista ou com um cunho ideológico diferente, ou não aparecia ou aparecia censurado, ou então, e já numa fase «mais liberal» do fascismo (neofascismo) aparecia na versão estrangeira, apenas, de acesso a meia dúzia de versados. Quando se tratava de uma obra de autor nacional ficava na gaveta à espera de melhores dias.

No INATEL —(ex-F. N. A. T.) como é que as coisas se passavam?

Não muito diferente das restantes. Tudo se passava e nos moldes já referidos para Lisboa. As restantes zonas estavam praticamente votadas ao abandono. Eram parcas as iniciativas no campo cultural e quando as havia, eram portadoras da índole ideológica corporativista, alienante e reaccionária.

No que nos diz respeito, e salientando a investida do INATEL em prol do derrubamento definitivo dos resquícios ainda subsistentes, na estrutura deste organismo do corporativismo fascista, que se propõe?

Ora o INATEL, consciente da necessidade de colocar este organismo dos trabalhadores à inteira disposição dos mesmos julga necessário tomar medidas que visam exclusivamente acabar com o centrismo a que foi votado como peça propulsora da ideologia fascista, o que, aliás, já concretizou na prática. Neste sentido, são já fecundas, no campo cultural, as digressões teatrais realizadas em diversas localidades de todo o País, integradas nas campanhas de dinamização cultural do M. F. A. bem assim como a projecção de filmes incluídos num ciclo sobre cinema cubano.

É também, e ainda no campo cultural, notório o contributo que o INATEL pretende dar no sentido da descentralização.

Citamos, por exemplo, a divisão do País em cinco zonas (tendo cada uma delas características bem definidas), para dessa maneira se poder atingir toda a eficácia necessária na difusão da cultura e no apelo à criatividade.

Para essa difusão descentralizada da cultura existem dois objectivos: criar os locais onde o trabalhador vem participar em manifestações culturais; e realizar essas manifestações culturais nos locais de trabalho e de habitação dos trabalhadores.

A divisão em 5 zonas implica obrigatoriamente a criação de uma rede de animadores culturais que farão a cobertura de cada uma das zonas.

Ponto importante é o de pensarmos que essa rede de animadores culturais deve ser constituída, de princípio, por uma esmagadora maioria de pessoas da região em causa e, numa fase mais avançada desta nossa acção cultural, deverá ser integralmente constituída pelos activistas de cada uma dessas zonas.

Outro aspecto é o de considerarmos, numa próxima etapa, todas as zonas em absoluto pé de igualdade, inclusive a normalmente conhecida zona de Lisboa. Isto, tanto no que diz respeito à programação como à difusão cultural e ao apelo à criatividade.

CARTAZ DOS ESPECTÁCULOS

DIA 15 (noite) — Espectáculo de Teatro «As Espingardas da Mãe Carrar» pela Companhia da Casa da Comédia, no clube Arrudense, em Arruda dos Vinhos; colaboração do Grupo Desportivo da General Instrument Lusitana e da Casa da Comédia.

DIAS 16 a 19 (noite) — Semana do Cinema Cubano em Sobral de Monte Agraço; colaboração da A. de Amizade Portugal-Cuba.

DIA 17 (noite) — Espectáculo de Teatro — «As Espingardas da Mãe Carrar» pela Companhia da Casa da Comédia, na Lisnave; colaboração dos trabalhadores da Lisnave e da Casa da Comédia.

DIA 19 (tarde) — Espectáculo de Teatro infantil pela companhia da BP.

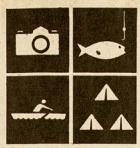
O QUE ENTENDEMOS POR TURISMO SOCIAL

O turismo que o INATEL pretende desenvolver é um turismo de dimensão cultural, dirigido às massas trabalhadoras portuguesas e que leve os seus utilizadores a terem um comportamento de adesão e colaboração activa e progressista e não um comportamento de «cliente».

Os objectivos da actividade turística que o INATEL vier a desenvolver no futuro devem ser definidos criteriosamente em termos progressistas para não se continuar na confusão que se tem gerado à volta da problemática do turismo social, confundindo-o deliberada ou involuntariamente de maneira conservadora, umas vezes com turismo de massas, em oposição ao turismo de qualidade e outras vezes com turismo barato em oposição ao turismo de luxo.

O turismo social não pode estar, a qualquer título, relacionado com as referidas posições autagónicas.

Tentando avançar na caracterização do turismo social diremos que tal actividade, aquela que o INATEL deve desenvolver no futuro, **se tem de dirigir à ocupação dos tempos livres das massas trabalhadoras de forma activa de tal modo que a aculturação, a integração e o progresso social dos trabalhadores seja atingido através duma perspectiva de luta de classes,** cooperando na luta antimonopolista dos trabalhadores em geral, ao nível da economia nacional e em particular ao nível da actividade turística, tentando assim eliminar os vários aspectos negativos que no passado presidiram ao desenvolvimento da indústria turística em Portugal.



CULTURA E TEMPOS LIVRES

Vamos ler

LUTA SINDICAL E LUTA POLITICA, de V. I. Lénine — editorial Estampa

«...Assinalémos, na explicação do ponto anterior, que o operário isolado se vê impotente e indefeso perante o capitalismo que introduz a maquinaria. Vê-se pois obrigado a procurar a todo o custo os meios para oferecer resistência ao capitalista, para se defender. E esse meio encontra-o na *união*. Impotente quando isolado, o operário unido aos seus companheiros consegue ser uma força, tem a possibilidade de lutar contra o capitalista e de lhe opor resistência.

A *união* torna-se uma necessidade para o operário, que enfrenta já o grande capital. Mas será possível unir essa massa heterogénea do povo, estranha entre si, ainda que trabalhe numa mesma fábrica?...»

A ECOLOGIA NA ECOLA, de Jeanne Daubois — Col. técnicas da educação.

«A poluição como fruto de uma gestão [racional] da Natureza é um dos temas que andam na ordem do dia. Não faltam exemplos catastróficos que demonstram com toda a evidência como é urgente uma iniciação precoce e generalizada às leis da Natureza que é preciso conhecer e respeitar. — Para que toda uma população se empenhe numa, tal aventura é preciso que esteja claramente informada dos problemas a resolver e das soluções a aplicar.»

OS SISTEMAS POLITICOS, OS POVOS E A PAZ — Col. Mas... Afinal?! — Preço.

«...A natureza do imperialismo não se alterou, antes procura novas formas de travar o processo social, formas adequadas às novas condições, por vezes endurecendo posições e agravando focos de tensão já existentes ou criados.

A assinatura de acordos, o estabelecimento de apertada rede de compromissos internacionais, apresenta o maior interesse desde que se prossiga a vigilância e a luta para obrigar ao seu cumprimento...»

Teatro

O *Grupo de Teatro de Campolide* encontra-se preparado para a sociedade nova que vamos criando. O seu trabalho antes e depois do 25 de Abril comprovam-no. Como também o comprova o seu plano de acção: *«Durante os anos de ditadura fascista, a ignorância que se procurava manter entre a grande maioria da população portuguesa, sobretudo entre as classes trabalhadoras, levou a que se impedisse por todos os meios esses sectores da população de terem acesso ao teatro. Hoje é necessário conquistar essas pessoas, não obrigando-as a vir até nós, mas indo nós até elas. Isso exige que, de uma vez por todas, o teatro deixe de ser usufruto apenas de Lisboa ou do Porto, e se empenhe, com todos os sacrifícios inerentes, no fomento de uma verdadeira descentralização.»*

A *Comuna* representa a «Ceia» em Londres, participando no XX Festival Nacional de Teatro Estudantil.

A Seara de Vento, de Manuel da Fonseca, continua no Teatro Maria Matos. Esta peça, adaptada de um romance com o mesmo nome, conta a história de um camponês encurralado na sua miséria e que sozinho desafia a ordem dos senhores da terra.

A Investigação (Grupo 4) no Trindade.

Cinema

O Universal é um cinema tímido, deslocado no espaço lisboeta e sem comodidades. Entretanto, é nele que passam os melhores filmes.

Se o leitor exige um certo conforto para assistir a um espectáculo e nunca se sentou na geral do Coliseu, recomendamos-lhe uma sessão de cinema no Universal. Habitua-se a uma certa austeridade (nos gastos e na comodidade) e ganha espiritualmente.

CARTAZ: «Os Fuzis» (o nordeste brasileiro); «O Conformista» (o melhor filme de Bertolucci); «Attica» (documentário sobre uma revolta de prisioneiros americanos); «O Silêncio» (Ingmar Bergman); «Tupamaros» (a luta do Movimento de Libertação do Uruguai).

Rádio

O ministro da Comunicação Social anunciou a redução do número de estações emissoras e a publicação brevemente de uma lei da Rádio que irá ao encontro das necessidades concretas do povo português em matéria de informação.

Uma afirmação do comandante Corela Jesuíno a propósito:

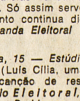
«A revolução está em marcha. Temos de mexer nas estruturas e nas mentalidades, desfazer tudo para tudo de novo fazer. Só assim será atingida a via para lançar o País no socialismo.»

ALAVANCA — Diariamente das 00.00 às 02.00, no Rádio Clube Português, onda média. A voz da Intersindical ou a voz dos trabalhadores vigilantes.

M. F. A. — Na Emissora Nacional às 3.as, 5.as e 6.as feiras, às 18.15, e aos domingos, às 9.00. No Rádio Clube Português, às 4.as feiras e sábados, às 22.00.

SINDICALISMO — (Helena Neves e Madeira Claudino). Na Emissora Nacional às 2.as e 6.as feiras, às 22 horas; aos sábados, às 16.05.

TV



Esclarecer e mobilizar devem ser as tarefas fundamentais da Televisão. Só assim serve o Povo.

Entretanto continua diariamente *a Propaganda Eleitoral* (às 13.15 e 20.30).

3.ª feira, 15 — Estúdio Aberto, às 21.00 (Luís Cília, uma das vozes da canção de resistência). *Consultório Eleitoral*, às 22.00. *Temas e Problemas*, às 22.15 (Portugal apresentado aos portugueses). No 2.º Canal: *Noite de Cinema* — o filme japonês «Ka kuchi», às 21.30.

4.ª feira, 16 — Há só uma terra, às 19.30 (um programa de Luís Filipe Costa).

5.ª feira, 17 — Programa do movimento das Forças Armadas, às 21.00. *O grande amor de Balzac*, às 22.15 (outro episódio desta série bem concebida).

6.ª feira, 18 — Relatório Internacional, às 19.35. *Afinal, como é?*, às 21.00 (o programa do Dr. Pitacas Antunes). *Consultório Eleitoral*, às 21.30.

Sábado, 19 — Cada dia uma esperança, às 18.45 (Luís de França conversa consigo). *Memória do nosso tempo*, às 19.00.

Domingo, 20 — Diário de um professor, às 19.30 (os problemas do ensino numa série italiana). *Teledomingo*, às 20.30.

2.ª feira, 21 — Escrever é lutar, às 13.00. *Magazine do Norte*, às 19.00 (o que acontece pelo Norte do País).

CORTICEIROS: «QUANDO É QUE O ESTADO TOMA CONTA DISTO?»

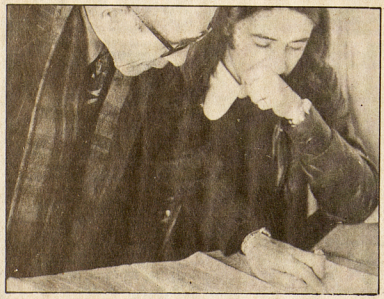
Quando andávamos na escola (aqueles que por lá passaram, claro) diziam-nos que nós portugueses, éramos os melhores do mundo. Se não era assim, era quase. Para justificar essa afirmação, através dos compêndios de Geografia, faziam-nos crer que exportávamos cortiça às toneladas, vinho do Porto aos tonéis e conservas de peixe aos milhares. Por casualidade, e por estranho que pareça, os trabalhadores ligados a estas produções foram sempre dos mais explorados.

Justamente por isso, resolvemos contactar alguém que estivesse ligado ao primeiro daqueles ramos de indústria, a cortiça. Para tanto, deslocámo-nos à secção de Almada do Sindicato Nacional dos Operários Corticeiros do Distrito de Setúbal, onde contactámos alguns dos membros da direcção.

Foi Hélder Cabrita quem começou por nos declarar: **Embora não não possua números concretos, posso-lhe dizer que neste momento temos cerca de 500 sócios. Quando fomos eleitos pela classe não fazíamos uma ideia do estado em que se encontrava o Sindicato. Foi então que descobrimos uma série de anomalias que estamos agora a tentar resolver. Existiam, por exemplo, sócios que tinham carteira e não tinham ficha, os ficheiros estavam desorganizados, etc. Admitimos, então, dois funcionários, por sinal bastante competentes, que nos têm ajudado a resolver os problemas que to-me bem entre os meus e embora seja velho considero-me novo por dentro. É preciso é genica, força de vontade e estarmos sempre unidos.»**

Aqui está um exemplo digno da nossa maior consideração. No prossegimento do breve historial deste Sindicato Hélder Cabrita afirmou-nos:

«Quando chegou o 25 de Abril estava cá outra direcção. Os trabalhadores reuniram-se e essa direcção passou a comissão administrativa até à realização de novas eleições, nas quais fomos eleitos pela totalidade da classe. Desde logo procedemos a uma primeira revisão do contrato colectivo de trabalho, embora não muito profunda. Apesar de tudo obtiveram-se algumas conquistas, nomeadamente, nivelamento de salários e actualização dos subsídios de férias. Neste momento estamos a proceder a uma nova revisão do C.C.T. que será mais profunda e terá a validade de um ano.»



Como em todos os sectores, as manobras por parte do patronato também se fazem sentir. **«Temos tido alguns problemas** — prossegue Helder Cabrita — **Por vezes os trabalhadores ainda têm pena dos patrões. Resolvemos, por exemplo, o problema de 90 camaradas da fábrica Florival Godinho Gameiro e Irmão. O patrão não cumpria o C.C.T. alegando falta de meios. Entrámos em negociações no Instituto Nacional do Trabalho e ficou estabelecido que tudo seria pago no prazo de 2 meses com efeitos rectroactivos. Nós, Sindicato, pretendíamos que as reivindicações fossem imediatamente satisfeitas, mas os camaradas reuniram-se e resolveram aceitar a proposta. Já lá vão quase dois meses e parece que o prometido não está a ser cumprido. Mas, na altura própria, veremos o que há a fazer.»**

A banca e a indústria corticeira.

Pusemos, em seguida, uma questão que, nos tempos que correm já vai sendo hábito. Em que medida a nacionalização da Banca afectou a indústria corticeira? **«A indústria corticeira estava quase toda a viver à custa da banca. Claro que com a nacionalização, o patronato começa a ver-se apertado. É natural, pois, que se possam registar algumas nacionalizações. Como dirigente sindical desejaria ver toda a indústria corticeira nacionalizada, aliás, penso que é o desejo de toda a classe. Antes de vir para aqui, estive numa fábrica onde dei a conhecer aos meus colegas que iria ser entrevistado para o «ALAVANCA», foi então que eles me disseram: «olha, diz lá para verem quando é que o Estado toma conta disto.» Na verdade, a indústria poderia tomar outro rumo, poderíamos fugir ao marasmo do capitalismo. Enquanto dependermos dos patrões vivemos com o coração nas mãos. Portanto aqui fica o apelo.»**

Em seguida, o nosso entrevistado esclareceu: **«Convém que fique claro que o Sindicato luta pelo melhoramento da indústria, queremos progredir. Ainda há pouco tempo enviámos um comunicado a todos os sindicatos alertando a classe para o facto de estar em vias de utilização o material de folha para engarrafamento de bebidas. Todos sabemos que uma bebida para ser bem engarrafada deverá utilizar rolhas de cortiça. Ora, essa folha é importada prejudicando assim a nossa economia. Já agora, aproveito para perguntar a quem está entregue a Junta Nacional de Cortiças. Estarão lá os mesmos que estavam antes do 25 de Abril? Se assim é, terão que ser saneados.»**

Segundo o nosso interlocutor, as exportações têm prejudicado, em parte a indústria da cortiça. Vejamos as suas declarações: **«Está certo que se abasteça o mercado internacional, mas primeiro há que olhar para o mercado interno. Por vezes acontece que exportamos cortiça para depois a importarmos já manufacturada. Isso não deve acontecer. O essencial seria exportar a cortiça já manufacturada.»**

Um dos nossos entrevistados chamou, por outro lado, a atenção para o boicote, verdadeiramente criminoso, que se tem feito sentir através de algumas atitudes de certos lavradores. Desta feita, foi Fernando Rodrigues que nos adiantou: **«Muitos lavradores estão a deixar ficar a cortiça na árvore apenas para boicotar a economia nacional. Em consequência disso, aparecem muitos industriais a dizer que não têm trabalho porque não há cortiça. Isso é mentira. Existem matos inteiros cheios de sobreiros.»**

Por fim, Fernando Rodrigues fez um apelo: **«Faço um apelo a todos os trabalhadores corticeiros no sentido de se formarem as comissões de trabalhadores uma vez que o interesse é de todos nós. Por outro lado, seria bom que se habituassem a vir até ao Sindicato com mais frequência para verem o que se passa. O desinteresse pela vida sindical não serve a classe.»**

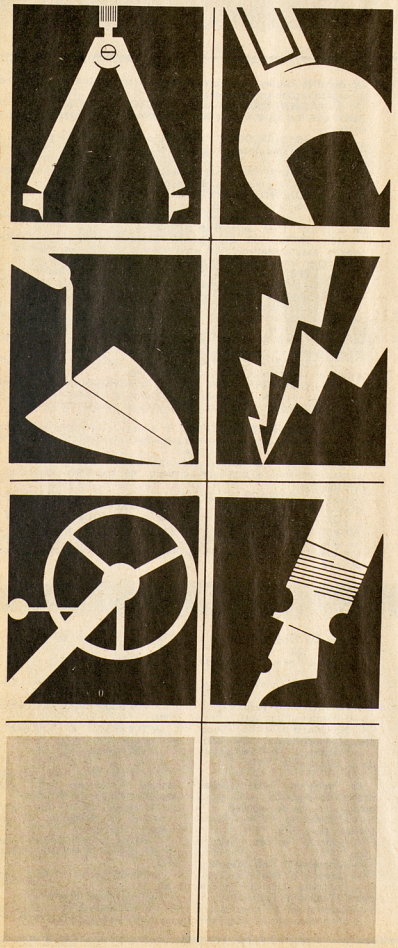
sa nos deparam. **É claro que existem ainda alguns trabalhadores por sindicalizar mas, a pouco e pouco, vão aderindo. «De resto** lasso compreende-se, uma vez que **a rapaziada estava divorciada da vida sindical.»**

Sebo nas estradas

Apesar de tudo, os operários corticeiros têm bastantes tradições de luta antifascista, senão vejamos o que nos disse um dos funcionários do Sindicato, o amigo António Júnior, um «jovem» de 77 anos de idade: **«Este Sindicato tem 26 anos de existência. Fui eu que o fundei, pela segunda vez, em 1949, juntamente com dois camaradas. Olhe, quem me dera nesse tempo. Quando a guarda vinha atacar os grevistas, punhamos sebo nas estradas para os cavalos escorregarem e, depois, corríamo-los à pedrada. Uma coisa é certa, vencíamos quase sempre. Agora estou reformado e vim para aqui dar uma ajuda. De resto, sin-**

O ANDAIME

BOLETIM DO SINDICATO DA CONSTRUÇÃO CIVIL



CONTRATO COLECTIVO VERTICAL PARA 500 MIL TRABALHADORES

A verticalidade como arma unitária dos trabalhadores é colocada em prática pela *construção civil*.

Após eleições democráticas no Sindicato dos Trabalhadores da Construção Civil do Distrito de Lisboa foi aberta a oportunidade para que várias iniciativas de grupos de delegados sindicais se desenvolvessem com total apoio da direcção eleita. Assim, elaboraram um anteprojecto de Contrato Colectivo que foi apresentado aos trabalhadores em assembleia geral efectuada no dia 18 de Fevereiro. Após esta assembleia diversos grupos de trabalho deslocaram-se a cerca de cinquenta locais, que já estavam programados, para discutir em reuniões mais restritas o clausurado. Ao mesmo tempo eram solicitadas outras reuniões em empresas onde foi analisado o anteprojecto. Ao todo cerca de 100 reuniões foram feitas para que todos os trabalhadores participassem activamente na construção do seu Contrato Colectivo de Trabalho.

Os sindicatos aderentes realizaram, por sua vez, reuniões gerais de trabalhadores e de delegados sindicais do sector da construção civil com o objectivo de discutir matéria específica de cada uma das profissões e do clausulado genérico, além da formação de grupos de trabalho para análise, alteração ou introdução de cláusulas menos claras ou de outras novas.

Teve, entretanto, lugar no Instituto Superior Técnico, no passado dia 9, uma reunião geral de delegados sindicais do distrito de Lisboa onde se encontravam presentes cerca de 1000 delegados que se debruçaram sobre o projecto elaborado com base nas alterações chegadas aos sindicatos e ao grupo de trabalho dinamizador do C.C.T. vertical e também sobre as tabelas de vencimentos.

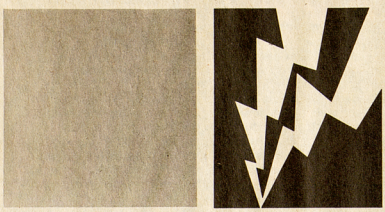
Nesta reunião foram também focados aspectos relacionados com o carácter de que se está a revestir a nova formulação da contratação para este sector, pois, por via das nacionalizações da banca privada e dos seguros, grande parte das empresas do sector encontram-se também nacionalizadas. O Estado será, assim, um directo interveniente nas negociações futuras pelo que estas se revestem de extrema importância, considerando a actual fase de transição da economia que o País atravessa.

Esta fase de transição não envolve apenas este sector mas igualmente outros de grande importância e básicos na economia de qualquer país. Mas é o sector da construção civil que funciona como motor de arranque de grande parte da economia que queremos posta ao serviço da classe trabalhadora. Este sector de actividade motiva o desenvolvimento de outras, tais como o siderúrgico (varão e aço para as mais variadas aplicações), metalúrgico (máquinas-ferramentas e todos os acessórios metálicos), cimentos, cerâmica, vidreiro, tintas, revestimentos, cortiça e papel, indústria eléctrica, etc. Por aqui se vê a importância da construção civil e obras públicas no arranque de toda a economia nacional e a necessidade urgente da sua planificação que constitui um importante meio para se abrir caminho à sociedade socialista por que se batem os trabalhadores.

Neste número do «Alavanca» o suplemento é dedicado à definição de funções e respectivos vencimentos dos C.C.T. vertical da construção civil para que a sua divulgação seja tão ampla quanto possível.

CONSTRUÇÃO CIVIL

ESPECIFICAÇÃO DE FUNÇÕES



1. — **CABOUQUEIRO OU MONTANTE**: É o trabalhador que exclusive ou predominantemente realiza trabalhos de desmonte e preparação de pedras nas pedreiras e nas obras.

2. — **ARMADOR DE FERRO**: É o trabalhador que exclusive ou predominantemente executa e coloca as armaduras para betão armado.

3. — **CARPINTEIRO DE TOSCO OU COFRAGEM**: É o trabalhador que exclusive ou predominantemente executa e monta estruturas de madeira ou moldes para fundir betão.

4. — **CIMENTEIRO**. É o trabalhador que executa trabalhos de betão armado, incluindo, se necessário, as respectivas cofragens, as armaduras de ferro e manipulação de vibradores.

5. — **PEDREIRO**: É o trabalhador que exclusive ou predominantemente executa alvenarias de tijolo, pedra ou blocos, podendo também fazer assentamentos de manilhas, tubos ou cantarias, rebocos e outros trabalhos similares ou complementares.

6. — **PINTOR**: É o trabalhador que predominantemente executa qualquer trabalho de pintura nas obras.

7. — **SERVENTE**: É o trabalhador sem qualquer qualificação ou especialização profissional, que trabalha nas obras, areeiros ou em qualquer local em que justifique a sua presença e que tenha mais de dezoito anos.

8. — **RISCADOR DE MADEIRAS OU PLANTEADOR**: É o trabalhador que desenha em escala natural e marca sobre o material as linhas e pontos de referência que servem de guia aos operários encarregues de executar, interpreta o desenho e outras especificações técnicas recebidas e por vezes vigia se as operações se realizam de acordo com as especificações transmitidas.

9. — **ASSENTADOR DE AGLOMERADOS DE CORTIÇA**: É o trabalhador que exclusive ou predominantemente assenta revestimentos de cortiça.

10. — **ASSENTADOR DE TACOS**: É o trabalhador que exclusive ou predominantemente assenta tacos (ladrilhos de madeira) em pavimentos.

11. — **CALCETEIRO**: É o trabalhador que exclusive ou predominantemente executa pavimentos de calçada.

12. — **CONDUTOR MANOBRADOR**: É o trabalhador que exclusive ou predominantemente conduz e manobra nos estaleiros e nas obras, areeiros ou pedreiras, equipamentos mecânicos sem exigência de carta de condução, fixos, semi-fixos ou móveis.

13. — **ENTIVADOR**: É o trabalhador que exclusive ou predominantemente executa entivações e escoramentos de terrenos, quer em céu aberto quer em galerias ou poços.

14. — **ESPALHADOR DE BETUMINOSOS**: É o trabalhador que exclusive ou predominantemente realiza manualmente rega ou espalhamento de betuminosos.

15. — **LADRILHADOR OU AZULEJADOR**: É o trabalhador que exclusive ou predominantemente executa assentamentos de ladrilhos, mosaicos ou azulejos.

16. — **MARMORITADOR**: É o trabalhador que exclusive ou predominantemente executa revestimentos com marmorite.

17. — **MINEIRO**: É o trabalhador que predominantemente realiza trabalhos de abertura de poços ou galerias.

18. — **MONTADOR DE MATERIAL DE FIBROCIMENTO**: É o trabalhador que exclusive ou predominantemente faz assentamentos de materiais de fibrocimentos, seus acessórios e eventualmente tubos de plástico.

19. — **ENCARREGADO GERAL**: É o trabalhador diplomado com o curso de Construção Civil, que superintende na execução de um conjunto de obras em diversos locais.

20. — **ENCARREGADO**: É o trabalhador que sob a orientação de superior hierárquico dirige um conjunto de arvorados, capatazes ou trabalhadores.

21. — **ARVORADO OU SEGUIDOR**: É o chefe de uma equipa de oficiais da mesma categoria e de trabalhadores indiferenciados.

22. — **CAPATAZ**: É um trabalhador designado de um grupo de indiferenciados para dirigir os mesmos.

23. — **ENCARREGADO FISCAL OU VERIFICADOR DE QUALIDADE**: É o trabalhador que mediante caderno de encargos verifica a execução da obra.

TABELAS E CLASSIFICAÇÕES

As categorias e/ou classes abaixo mencionadas terão remuneração mínima de 5500$00.

— Aprendiz 1.º Ano (Electricista) (Esp. 59).

— Auxiliar menor 1.º Ano (Esp. 33).

— Paquete (Esp. 143).

— Praticante 1.º Ano (Desenho) (Esp. 124).

— Praticante (Trabalhador do Comércio) (Esp. 148).

As categorias e/ou classes abaixo mencionadas terão remuneração mínima de 6000$00.

— Ajudante de fotogrametrista (Topógrafo) (Esp. 66).

— Aprendiz 2.º Ano (Electricista) (Esp. 59).

— Auxiliar de limpeza e manipulação feminina (Esp. 49).

— Auxiliar menor 2.º Ano (Esp. 33).

— Dactilógrafo 1.º Ano (Esp. 67).

— Estagiário 1.º Ano (Esp. 68).

— Praticante 2.º Ano (Desenho Geral) (Esp. 124).

As categorias e/ou classes abaixo mencionadas terão remuneração mínima de 6500$00.

— Ajudante de 1.º Ano (Electricista) (Esp. 58).

— Aprendiz com mais de 18 anos — 1.º Ano (Esp. 140).

— Caixeiro Ajudante (Esp. 150).

— Contínuo (Esp. 142).

— Dactilógrafo do 2.º Ano (Esp. 67).

— Estagiário do 2.º Ano (Esp. 68).

— Guarda (Esp. 31).

— Operador Heliográfico (até 4 anos) (Esp. 122).

— Operador não especializado (Met.) (Esp. 7).

— Porta-Minas (Topógrafos) (Esp. 65).

— Porteiro (Met.) (Esp. 69).

— Serventes (Esp. 149).

— Tirocinante de 1.º Ano (Desenho na especialidade) (Esp. 123).

— Trabalhador de Laboratório de 2.ª classe (Esp. 137).

As categorias e/ou classes abaixo mencionadas terão remuneração mínima de 7000$00.

— Ajudante do 2.º Ano (Electricista) (Esp. 58).

— Ajudante Fiel de Armazém (Esp. 151).

— Apontador 1.º Ano (Esp. 25).

— Aprendiz 2.º Ano (Esp. 140).

— Arquivista técnico (até 4 anos) (Desenho) (Esp. 121).

— Caixeiro de 3.º (Esp.152).

— Escriturário de 3.º (Esp. 99).

— Ferramenteiro de 2.º (Esp. 29).

— Medidor (Topógrafos) (Esp. 64).

— Operador Heliográfico (mais de 4 anos) (Esp. 122).

— Prefurador Verificador (Esp. 146).

— Trabalhador de Laboratório 1.ª classe (Esp. 137).

— Vibradorista (Esp. 35).

As categorias e/ou classes abaixo mencionadas terão remuneração mínima de 7250$00.

— Caixeiro de 2.º (Esp. 152).

— Fiel de Armazém 1.º Ano (Met.) (Esp. 73).

— Montador de Estruturas Metálicas Ligeiras de 2.ª (Met.) (Esp. 77).

— Pré-Oficial de 1.º Ano (Esp. 57).

— Telefonista (Esp. 144).

— Tirocinante 2.º Ano (Desenho na especialidade) (Esp. 123).

24. — **CONTROLADOR OU ENCARREGADO DE 1.ª:** É o trabalhador que tem a seu cargo o controlo de rendimento da produção e comparação destes com o previsto, devendo saber interpretar desenhos e medições em obras.

25. — **APONTADOR:** É o trabalhador que executa as folhas de ponto e de ordenados nas obras com menos de cinquenta trabalhadores, podendo ainda fazer o registo de entradas e saídas de materiais, ferramentas e máquinas, etc.

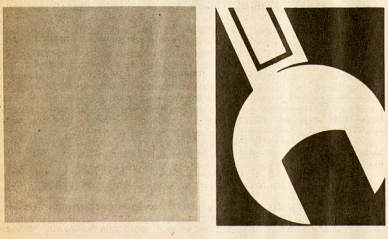
26. — **CARPINTEIRO DE LIMPOS:** É o trabalhador que predominantemente trabalha em madeiras incluindo os respectivos acabamentos no banco de oficina ou na obra.

27. — **AFAGADOR DE TACOS:** É o trabalhador que desbasta, afaga tacos ou qualquer pavimento de madeira com máquinas apropriadas e raspadores.

28. — **ASSENTADOR DE REVESTIMENTOS:** É o trabalhador que assenta revestimentos diversos, tais como: Papel pintado, alcatifas e equiparados.

29. — **FERRAMENTEIRO:** É o trabalhador a quem se confia a distribuição, recolha e controlo de ferramentas.

30. — **BATEDOR DE MAÇO:** É o trabalhador que exclusive ou predominantemente ajuda o calceteiro, especialmente nos acabamentos.



31. — **GUARDA:** É o trabalhador que exerce funções de vigilância ou de plantão nos estaleiros, na obra, ou em qualquer outra dependência de empresa.

32. — **MARTELEIRO:** É o trabalhador que com carácter predominante manobra martelos, perfuradores ou demolidores.

33. — **AUXILIAR MENOR:** É o trabalhador sem qualquer especialização profissional com idade inferior a dezoito anos.

34. — **ABRIDOR DE ROÇOS OU ROCEIROS:** É o trabalhador que exclusive ou predominantemente abre roços em paredes, betunilhas, tectos, etc.

35. — **VIBRADORISTA:** É o trabalhador que predominantemente homogeniza e compacta massas de betão fresco incorporadas em elementos constituintes de obras públicas, transmitindo vibrações ao material por meio de dispositivos mecânicos que maneja.

36. — **CHEFE DE OFICINA.** É o trabalhador que exerce funções de direcção e chefia nas oficinas da empresa.

37. — **CANTEIRO:** É o trabalhador que exclusive e predominantemente executa e assenta cantarias nas obras ou oficinas.

38. — **ESTUCADOR:** É o trabalhador que trabalha em esboços, estuques e lambris.

39. — **FINGIDOR:** É o trabalhador que exclusive e predominantemente imita com tintas, madeira com pedra.

40. — **PINTOR DECORADOR:** É o trabalhador que executa decorações de tinta sobre paredes ou tectos de qualquer espécie.

41. — **ASSENTADOR DE ISOLAMENTOS TÉRMICOS E ACÚSTICOS:** É o trabalhador que executa a montagem em edifícios e outras instalações de materiais isolantes com o fim de regularizar temperaturas e eliminar ruídos.

42. — **ENFORMADOR DE PREFABRICADOS:** É o trabalhador que obtém elementos de alvenaria tais como paredes, lajes e componentes para escadas, por moldação em cofragens metálicas, onde dispõem argamassas, tijolos, outros materiais e vários acessórios, segundo as especificações técnicas recebidas.

43. — **MONTADOR DE ELEMENTOS PREFABRICADOS:** É o trabalhador que colabora na deposição, nivela, apruma, implanta, e torna solidários por amarração e betunagem os vários elementos prefabricados, com que erige edificações para o que utiliza esteios, níveis, prumos e pilões.

44. — **MONTADOR DE PRÉ-ESFORÇADOS:** É o trabalhador que arma e instala, em construções civis ou obras públicas, vigas, asnas e outros elementos estruturais de betão armado, aplicando-lhes, em determinados cabos de aço, as tensões previamente especificadas para o que utiliza equipamento apropriado.

45. — **MONTADOR DE COFRAGENS:** É o trabalhador que em obra efectua operações de manobra, acerto, aprumo e ajuste de módulos de outros elementos que constituirão as cofragens metálicas madeira e mistas recuperáveis e estandardizadas, onde vai ser fundida a alvenaria de betão utilizando ferramentas manuais e mecânicas.

46. — **CONTROLADOR DE QUALIDADE:** É o trabalhador que dá assistência técnica na oficina às operações de prefabricação de elementos de alvenaria ou outros e realiza inspecções versando sobre a qualidade do trabalho executado e a produtividade atingida: interpreta desenhos e outras especificações referentes aos elementos de que se ocupa; submete-os a exames minuciosos, em determinados momentos do ciclo de fabrico, servindo-se de instrumentos de verificação e medida ou observando a forma de cumprimento das normas de produção da empresa; regista e transmite superiormente todas as anomalias constatadas a fim de se efectivar correcções ou apurar responsabilidades.

47. — **IMPERMEABILIZADORES:** É o trabalhador que exclusive ou predominantemente executa trabalhos especializados de impermeabilização procedendo também ao fecho das juntas.

48. — **CARREGADOR CATALOGADOR:** É o trabalhador que colabora no levantamento, transporte e arrumação das peças fabricadas e cataloga-as, procede ao carregamento e descarregamento de viaturas e informa das respectivas posições.

49. — **AUXILIAR DE LIMPEZA E MANIPULAÇÃO — FEMININO:** É o trabalhador que procede à limpeza das construções na fase de acabamento e ainda todas as dependências de estaleiros e agregados da

E ESPECIFICAÇÕES * TABELAS E ESPECIFICAÇÕES * TABELAS E ESPECIF

As categorias e/ou classes abaixo mencionadas terão remuneração mínima de 7500$00.

— Abridor de roços (ou roceiro) (Esp. 34).
— Arquivista Técnico (mais de 4 anos) (Desenho) (Esp. 121).
— Apontador (mais de 1 ano) (Esp. 25).
— Batedor de maço (Esp. 30).
— Conferente abastecedor de linha de 2.ª (Met.) (Esp. 81).
— Condutor manobrador (Esp. 12) (CC).
— Capataz (Met.) (Esp. 22).
— Caixeiro de 1.ª (Esp. 152).
— Correspondente de língua portuguesa (Esp. 103).
— Canalizador de 2.ª (Esp. 82).
— Decapador por jacto de 2.ª (Esp. 83).
— Ensaiador afinador de 2.ª (Esp. 84).
— Escriturário de 2.ª (Esp. 99).
— Esteno-Dactilógrafo/a de língua portuguesa (Esp. 100).
— Ferramenteiro de 1.ª (Esp. 29).
— Ferreiro ou forjador 2.º oficial (Esp. 86).
— Frezador Mecânico de 2.ª (Esp. 85).
— Funileiro ou Latoeiro de 2.ª (Met.) (Esp. 74).
— Metalizador de 2.ª (Esp. 89).
— Montador de estruturas metálicas ligeiras de 1.ª (Esp. 70).
— Motorista de Ligeiros.
— Operador de quinadeira de 2.ª (Esp. 75).
— 2.º Oficial de Canteiro (Esp. 37).
— 2.º Oficial de Carpinteiro de Limpos (Esp. 26).
— 2.º Oficial de Estucador (Esp. 38).
— 2.º Oficial Fingidor (Esp. 39).
— 2.º Oficial Pintor Decorador (Esp. 40).
— 2.º Oficial Assentador de Isolamentos Térmicos e Acústicos (Esp. 41).
— 2.º Oficial Cabouqueiro ou Montante (Esp. 1).
— 2.º Oficial Armador de Ferro (Esp. 2).
— 2.º Oficial Carpinteiro de tosco ou cofragem (Esp. 3).
— 2.º Oficial Cimenteiro (Esp. 4).
— 2.º Oficial Pedreiro (Esp. 5).
— 2.º Oficial Pintor (Esp. 6).
— Praticante de Afagador de tacos (Esp. 27).
— Praticante de carregador/catalogador (Esp. 48).
— Praticante de enformador de prefabricados (Esp. 42).
— Praticante de montador de elementos prefabricados (Esp. 43).
— Praticante de montador de pré-esforçados (Esp. 44).
— Praticante de montador de cofragem (Esp. 45).
— Praticante assentador de aglomerados de cortiça (Esp. 9).
— Praticante assentador de tacos (Esp. 10).
— Praticante assentador de revestimentos (Esp. 28).
— Praticante de calceteiro de 2.ª (Esp. 11).
— Praticante de entivador (Esp. 13).
— Praticante de espalhador de betuminosos (Esp. 14).
— Praticante de impermeabilizador (Esp. 47).
— Praticante de ladrilhador azulejador (Esp. 15).
— Praticante de marmoritador (Esp. 16).
— Praticante mineiro (Esp. 17).
— Praticante de montador de material de fibrocimento (Esp. 18).
— Praticante de sondador (Esp. 90).
— Praticante de montador de andaimes (Esp. 92).
— Praticante de montador de estores (Esp. 93).
— Programador de fabrico de 1.º Ano (Met.) (Esp 94).
— Rebarbador de 2.ª (Esp. 78).

empresa. Pode também proceder à manipulação de tubagem ou outros acessórios ligeiros.

50. — **TÉCNICO DE ENGENHARIA OU DE CONSTRUÇÃO CIVIL DO GRAU 1.º**: É o trabalhador que elabora planos simples, projectos, cálculos, estimativas, normas, desenhos e outras especificações. Trabalho técnico de rotina. Toma decisões de rotina já consagrada numa orientação superior completamente definida. A supervisão recebida é rigorosa. O seu trabalho é revisto quanto à precisão adequada e quanto à conformidade com os procedimentos prescritos. Pode distribuir e verificar o trabalho de outros técnicos.

51 — **TÉCNICO DE ENGENHARIA OU DE CONSTRUÇÃO CIVIL DO GRAU 2.º**: É o trabalhador que utiliza a técnica de engenharia ou construção civil corrente para a resolução de problemas. Dá assistência a outros técnicos mais categorizados com cálculos, ensaios, análises, projectos ou computação. As suas recomendações são limitadas mais à solução dos problemas do que a resultados finais. As decisões tomadas situam-se normalmente dentro da orientação estabelecida pela entidade directiva. Recebe instruções detalhadas, orais ou escritas sobre métodos e processos. Os resultados são revistos e recebe a assistência técnica que for possível. Pode orientar trabalho de outros técnicos, num projecto comum.

52. — **TÉCNICO DE ENGENHARIA OU DE CONSTRUÇÃO CIVIL — GRAU 3.º**: É o trabalhador que executa trabalho de engenharia ou construção civil de responsabilidade e participa em planeamento. Faz estudos independentes, análises, juizos e conclusões. Os assuntos ou decisões difíceis, complexas ou invulgares, são usualmente transferidos para uma entidade de maior qualificação técnica. O seu trabalho não é normalmente supervisado em pormenor, embora receba orientação técnica em problemas invulgares ou complexos. Pode dar orientação técnica a outros técnicos designados para trabalharem num projecto ou empreendimento. Não é normalmente responsável continuamente por outros técnicos.

53. — **TÉCNICO DE ENGENHARIA OU DE CONSTRUÇÃO CIVIL DO GRAU 4.º**: É o trabalhador capaz do primeiro nível de supervisão directa e não continua de outros técnicos de engenharia e construção civil. Aplicação de conhecimentos de engenharia e direcção do projecto com o fim de realização independente. Faz recomendações geralmente revistas quanto ao valor dos pareceres, mas aceites quanto ao rigor técnico e exequibilidade. Os trabalhos são-lhe entregues com simples indicação do seu objectivo de prioridades relativas e de interferências com outros projectos. Distribui e delineia o trabalho. Dá indicações em problemas técnicos. Revê trabalhos de outros quanto à precisão técnica. Responsabiliza-se por outros técnicos.

54. — **OFICIAL ENCARREGADO**: É o trabalhador electricista que controla, coordena e dirige os serviços nos locais de trabalho.

55. — **CHEFE DE EQUIPA**: É o trabalhador electricista responsável pelos trabalhos da sua especialidade que, sob as ordens do encarregado e podendo substituí-lo nas suas ausências, dirige os trabalhos de um grupo de profissionais electricistas.

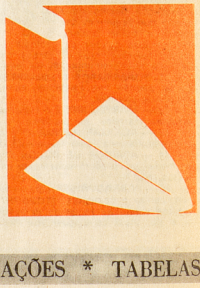
56. — **OFICIAL**: É o trabalhador electricista que executa todos os trabalhos da sua especialidade e assume a responsabilidade dessa execução.

57. — **PRÉ-OFICIAL**: É o trabalhador electricista que coadjuva os oficiais e que cooperando com eles executa trabalhos de menor responsabilidade.

58. — **AJUDANTE**: É o trabalhador electricista que completou a sua aprendizagem e coadjuva os oficiais, preparando-se para ascender à categoria de Pré-Oficial.

59. — **APRENDIZ**: É o trabalhador electricista que sob orientação premanente dos profissionais acima referidos os coadjuva nos seus trabalhos.

60. — **GEÓMETRAS, CARTÓGRAFOS OU CALCULADORES**: São os trabalhadores que concebem, preparam, estudam, orientam, fiscalizam todos os trabalhos e observações necessárias à elaboração de cartas e plantas topográficas, com apoio geodésico, compreendendo a sua implantação, estabelecimento e medição de bases de grande precisão, como apoio de todos os demais trabalhos, destinados aos levantamentos clássicos e aerofotogramétricos, hidrográficos, cadastrais, prospecção, etc. Executam todos estes trabalhos ou superintendem na sua execução. Realizam nivelamentos de precisão. Procedem ao lançamento no terreno dos elementos básicos necessários à definição do traçado de todos os projectos de engenharia (civil, naval, minas, mecânica, electrotécnica, agronomia) e arquitectura. Executam observações astronómicas elementares e calculam os seus resultados.



TABELAS E ESPECIFICAÇÕES * TABELAS E ESPECIFICAÇÕES * TABELAS E ES

— Reprodutor de documentos (Met./Escrit.) (Esp. 95).
— Riscador de madeiras ou planteador (2.º Oficial) (Esp. 8).
— Registador (Topógrafo) até ao 2.º Ano (Esp. 63).
— Serrador mecânico de 2.ª (Met.) (Esp. 79).
— Soldador de 2.ª (Esp. 80).
— Mecânico de frio ou ar condicionado de 2.ª (Esp. 87).
— Mandrilador Mecânico de 2.ª (Esp. 88).
— Serralheiro Civil de 2.ª (Esp. 96).
— Serralheiro Mecânico de 2.ª (Esp. 97).
— Vendedor (Esp. 144).

As categorias e/ou classes abaixo mencionadas terão remuneração mínima de 8000$00.
— Afagador de tacos (Esp. 27).
— Armador de ferro 1.º oficial (Esp. 2).
— Assentador de aglomerados de cortiça (Esp. 9).
— Assentador de isolamentos térmicos e acústicos 1.º oficial (Esp. 41).
— Assentador de revestimentos (Esp. 28).
— Assentador de tacos (Esp. 10).
— Cabouqueiro ou montante 1.º Oficial (Esp. 1).
— Caixa (Esp. 102).
— Caixeiro de Praça (Esp. 153).
— Caixeiro Viajante (Esp. 155).
— Calceteiro de 1.ª (Esp. 11).
— Canalizador de 1.ª (Met.) (Esp. 82).
— Canteiro 1.º Oficial (Esp 37).
— Carregador catalogador (Esp. 48).
— Carpinteiro de Limpos 1.º Oficial (Esp. 26).
— Carpinteiro de Tosco ou Cofragem 1.º Oficial (Esp. 3).
— Cimenteiro 1.º oficial (Esp. 4).
— Cobrador (Esp. 141).
— Condutor manobrador de 1.ª (Esp. 12).
— Conferente abastecedor de linha de 1.ª (Met.) (Esp 81).
— Correspondente de língua estrangeira (Esp. 108).
— Decapador de jacto de 1.ª (Esp. 83).
— Desenhador até 3 anos (Desenho geral) (Esp. 135).
— Desenhador gráfico até 3 anos (Esp. 131).
— Desenhador de topografia até 3 anos (Esp. 125).
— Electricista Oficial (Esp. 56).
— Enformador de prefabricados (Esp. 42).
— Entivador (Esp. 13).
— Escriturário de 1.ª (Esp. 99).
— Espalhador de betuminosos (Esp. 14).
— Esteno-dactilógrafo/a de língua estrangeira (Esp. 104).
— Estucador 1.º Oficial (Esp. 38).
— Ferreiro ou Forjador de 1.ª (Met.) (Esp. 86).
— Fiel de Armazém mais de 1 ano (Met.) (Esp. 73).
— Fingidor 1.º Oficial (Esp. 39).
— Fresador mecânico de 1.ª (Met.) (Esp. 85).
— Funileiro ou Latoeiro de 1.ª (Met.) (Esp. 74).
— Impermeabilizador (Esp. 47).
— Ladrilhador ou Azulejador (Esp. 15).
— Mandrilador mecânico de 1.ª (Met.) (Esp. 88).
— Marmoritador (Esp. 16).
— Maquetista até 3 anos (Esp. 134).
— Marteleiro (Esp. 32).
— Mecânico de carpintaria (Esp. 120).
— Mecânico de frio ou ar condicionado de 1.ª (Esp. 87).
— Medidor até 3 anos (Desenho) (Esp. 136).
— Medidor orçamentista até 3 anos (Esp 133).

61. — **TOPÓGRAFOS E FOTOGRAMETRISTAS:** Os topógrafos são os trabalhadores que concebem, preparam, estudam, orientam e executam todos os trabalhos necessários à elaboração de plantas topográficas com apoio na rede nacional existente, por intermédio de figuras simples com compensação expedita (triangulação-quadriláteros) ou por simples intersecção inversa (analítica ou gráfica) ou por simples irradiação directa ou inversa ou ainda por poligonação (fechada e compensada) como base de todos os demais trabalhos de levantamentos quer clássicos ou fotogramétricos-hidrográficos-cadastrais e prospecção. Executam nivelamentos de precisão. Implantam no terreno as linhas gerais básicas de apoio a todos os projectos de engenharia e arquitectura. Fiscalizam, orientam e apoiam a execução de obras de engenharia civil e calculam as quantidades de trabalhos realizados. Os fotogrametristas são os trabalhadores que traduzem graficamente o terreno sob todas as suas formas e dimensões, a partir de fotografia aérea ou terrestre. A aplicação mais generalizada é a elaboração de plantas topográficas para estudos e projectos de urbanização, rodovias, traçados de linhas de alta tensão, construção de barragens, etc. Na execução destes trabalhos o fotogrametrista utiliza aparelhos de precisão que requerem daquele sensibilidade apreciável, conhecimentos técnicos e treino prolongado. O fotogrametrista surge-nos também como precioso auxiliar da geologia (volumes de terras, inclinação de camadas, levantamentos de perfis), criminologia e trânsito, astronomia, balística e hidráulica (estudo do movimento dos fluidos).

62. — **TOPÓGRAFOS AUXILIARES:** Os topógrafos auxiliares são os trabalhadores que colaboram de forma directa na execução de todos os trabalhos necessários à elaboração de plantas topográficas, quer através de observações simples em redes de apoio previamente reconhecidas quer ainda através de cálculo simples das várias operações em cadernetas ou impressos modelo-tipo, já programados e com vértices definidos. Colaboram no apoio de obras de engenharia a partir de redes previamente estabelecidas. Determinam as quantidades de trabalho (Medições) por meio de figuras geométricas elementares ou a elas relacionadas até ao limite da álgebra elementar e trignometria plana (casos de triângulos rectângulos).

63. — **REGISTADORES (TOPÓGRAFO):** São os trabalhadores que executam todos os trabalhos de medidor e anotam os valores numéricos das várias operações realizadas no campo, no decorrer dos levantamentos e calculam as cadernetas referentes a esses levantamentos. Elaboram o esboço dos pormenores significativos do terreno e colabora nos reconhecimentos Fotogramétricos e Estremas Cadastrais.

64. — **MEDIDORES (TOPÓGRAFO).** São os trabalhadores que determinam os valores de comprimentos lineares, de elementos rectos por meio de fitas simples ou acopladas de outros auxiliares de observação (dinamómetros-termómetros-nonios) e que dão testemunho dos pontos significativos do terreno sobre o ponto de vista de recorte altimétrico, durante a operação do levantamento, através de miras falantes.

65. — **PORTA-MIRAS (TOPÓGRAFO):** São os trabalhadores que colaboram nas brigadas de topografia, têm sensibilidade para avaliarem a delicadeza dos instrumentos que transportam, preservando-os de possíveis danos e colaboram na medição dos elementos lineares com o medidor.

66. — **AJUDANTES DE FOTOGRAMETRISTAS:** São os trabalhadores que directamente colaboram com os fotogrametristas em tarefas elementares e em total dependência destes.

67. — **DACTILÓGRAFO:** É o trabalhador que predominantemente executa trabalhos dactilográficos minutados ou redigidos por outrem e acessoriamente serviço de arquivo, registo ou cópia de correspondência.

68. — **ESTAGIÁRIO:** É o trabalhador que auxilia o escriturário e se prepara para esta função.

69. — **PORTEIRO:** É o trabalhador que nas horas normais de trabalho se mantém permanentemente na portaria da empresa controlando a saída e entrada de pessoas e viaturas.

70. — **MONTADOR DE ESTRUTURAS METÁLICAS LIGEIRAS:** É o trabalhador que executa unicamente trabalhos relacionados com a montagem de elementos metálicos ligeiros prefabricados, sem que tenha de proceder a qualquer modificação nos elementos metálicos.

73. — **FIEL DE ARMAZÉM:** É o trabalhador que regista internamente as entradas e saídas de materiais, ferramentas e produtos e controla as existências.

74. — **FUNILEIRO OU LATOEIRO:** É o trabalador que fabrica e/ou repara artigos em chapa fina tais como: folha de flandres, zinco, alumínio, cobre, chapa galvanizada, plástico com aplicações domésticas ou industriais.

— Metalizador de 1.ª (Met.) (Esp. 89).
— Mineiro (Esp. 17).
— Montador de cofragens (Esp. 45).
— Montador de elementos pre- 92).
— Montador de elementos pré-fabricados (Esp. 43).
— Montador de estores (Esp. 93).
— Montador de material de fibrocimento (Esp. 18).
— Montador de pré-esforçados (Esp. 44).
— Motorista de pesados.
— Operador de quinadeira de 1.ª (Esp. 75).
— Operador mecanográfico (Esp. 105).
— Operador de Telex (Esp. 106).
— Pedreiro 1.º Oficial (Esp. 5).
— Pintor 1.º Oficial (Esp. 6).
— Prospector de vendas (Esp. 154).
— Programador de fabrico com mais de 1 ano (Esp. 94).
— Rebarbador de 1.ª (Esp. 78).
— Registador (Técnicos de Topografia) com mais de 2 anos (Esp. 63).
— Riscador de madeiras ou planteador (Esp. 8).
— Serrador mecânico de 1.ª (Met.) (Esp. 79).
— Serralheiro Civil de 1.ª (Met.) (Esp. 96).
— Serralheiro Mecânico de 1.ª (Esp. 97).
— Soldador de 1.ª (Met.) (Esp. 98).
— Sondador (Esp. 90).

As categorias e/ou classes abaixo mencionadas terão remuneração mínima de 8250$00.

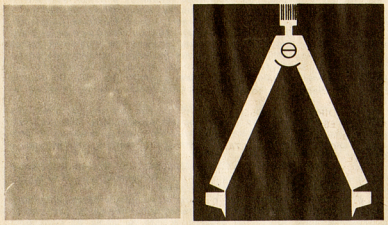
— Arvorador ou seguidor (Esp. 21).
— Pintor decorador 1.º oficial (Esp. 40).
— Tractorista ou maquinista de estacaria (Esp. 91).

As categorias e/ou classes abaixo mencionadas terão remuneração mínima de 8500$00.

— Auxiliar técnico de laboratório 2.ª classe (Esp. 138).
— Chefe de equipa electricista (Esp. 55).
— Controlador 2.ª (Esp. 24).
— Desenhador (3 a 6 anos) (Desenho Geral) (Esp. 135).
— Desenhador gráfico (3 a 6 anos) (Esp. 131).
— Desenhador de topografia (3 a 6 anos) (Esp. 125).
— Encarregado de 2.ª (Esp. 20).
— Inspector de vendas (Esp. 156).
— Maquetista (3 a 6 anos) (Esp. 134).
— Medidor (Desenho) (3 a 6 anos) (Esp. 136).
— Medidor orçamentista (3 a 6 anos) (Esp. 133).
— Programador — Praticante 1.º ano (Esp. 111).
— Topógrafo auxiliar nos primeiros 3 anos (Esp. 62).

As categorias e/ou classes abaixo mencionadas terão remuneração mínima de 9000$00.

— Caixeiro encarregado ou caixeiro chefe de secção (Esp. 158).
— Chefe de vendas (Esp. 157).
— Controlador ou encarregado de 1.ª mais de 2 anos (Esp. 24).
— Desenhador (±6 anos) (Desenho geral) (Esp. 135).
— Desenhador gráfico (±6 anos) (Esp. 131).
— Desenhador maquetista (±6 anos) (Esp. 128).
— Desenhador retocador (artes gráficas) (Esp. 132).
— Desenhador de topografia (±6 anos) (Esp. 125).
— Encarregado de 1.ª (Esp. 20).
— Encarregado de armazém (Esp. 159).
— Subchefe de secção (Esp. 109).



75. — **OPERADOR DE QUINADEIRA:** É o trabalhador que, utilizando máquinas apropriadas, dobra, segundo um plano pré-determinado, chapas e outros materiais de metal.

77. — **MONTADOR DE ESTRUTURAS METÁLICAS LIGEIRAS:** É o trabalhador que executa unicamente trabalhos relacionados com a montagem de elementos metálicos ligeiros prefabricados, sem que tenha de proceder a qualquer modificação nos elementos metálicos.

78. — **REBARBADOR:** É o trabalhador que regulariza superfícies de peças metálicas vazadas, soldadas, forjadas, estampadas e prensadas, utilizando ferramentas manuais, eléctricas ou pneumáticas e rebolos abrasivos.

79. — **SERRADOR MECÂNICO:** É o trabalhador que utilizando serras mecânicas, desfia toros de madeira segundo as espessuras exigidas para fabricação de máquinas a produzir pela indústria metalúrgica.

80. — **SOLDADOR:** É o trabalhador que, utilizando equipamento apropriado, faz a ligação de peças metálicas por processo a aluminotérmico, por pontos ou por costura contínua. Incluem-se nesta categoria os profissionais designados por estanhadores das linhas de montagem.

81. — **CONFERENTE ABASTECEDOR DE LINHAS:** É o trabalhador que nas oficinas de fabricação e em linhas de montagem confere o material quanto ao seu estado e qualidade, e o distribui pelos postos de trabalho.

82. — **CANALIZADOR:** É o trabalhador que corta e rosca tubos, solda tubos de chumbo ou plástico e executa canalizações em edifícios, instalações industriais e outros locais.

83. — **DECAPADOR POR JACTO:** É o trabalhador que, com o auxílio de jacto de areia, grenalha ou outros materiais, decapa ou limpa peças ou materiais.

84. — **ENSAIADOR AFINADOR:** É o trabalhador que analisa o estado das viaturas ou máquinas a reparar ou reparadas e ultima as respectivas afinações.

85. — **FRESADOR MECÂNICO:** É o trabalhador que, na fresadora, executa todos os trabalhos de fresagem de peças, trabalhando por desenhos ou peça-modelo. Prepara, se necessário, as ferramentas que utiliza.

86. — **FERREIRO OU FORJADOR:** É o trabalhador que forja, martelando manual ou mecanicamente aços e outras ligas ou metais aquecidos, fabricando ou reparando peças ou ferramentas. Pode proceder também à execução de soldaduras por caldeamento e tratamentos térmicos de recozimento, têmpera e revenido.

87. — **MECÂNICO DE FRIO OU AR CONDICIONADO:** É o trabalhador que monta e/ou afina sistemas de refrigeração, térmicas e/ou de ar condicionado para instalações industriais ou outras.

88. — **MANDRILADOR MECÂNICO:** É o trabalhador que numa mandriladora executa todos os trabalhos possíveis nesta máquina trabalhando por desenho ou peça-modelo

89. — **METALIZADOR:** É o trabalhador que metaliza ou trata superfícies de objectos de metal por electrólise, imersão no metal em fusão, banhos químicos ou ainda por outro processo, afim de proteger, decorar ou reconstruir.

90. — **SOLDADOR:** É o trabalhador que, exclusive ou predominantemente, manobras soldas.

91. — **TRACTORISTA OU MAQUINISTA DE ESTACARIA:** É o trabalhador que está habilitado a manobrar máquinas de grande porte para execução de fundações ou estacas de betão moldado ou prefabricadas ou a conduzir ou manobrar qualquer tractor de tipo não agrícola.

92. — **MONTADOR DE ANDAIMES:** É o trabalhador que exclusive e predominantemente procede à montagem de andaimes de madeira ou estrutras metálicas.

93. — **MONTADOR DE ESTORES:** É o trabalhador que exclusive ou predominantemente procede à montagem de qualquer tipo de estores, de madeira ou plástico, etc.

94. — **PROGRAMADOR DE FABRICO:** É o trabalhador que, a partir de elementos fornecidos pelo preparador de trabalho, procede à análise da distribuição de trabalho tendo em conta a melhor utilização de mão-de-obra e do equipamento bem como o respeito dos prazos de execução. Incluem-se nesta categoria os profissionais que elaboram as estatísticas industriais e afins.

95. — **REPRODUTOR DE DOCUMENTOS:** É o trabalhador que predo-

TABELAS E ESPECIFICAÇÕES * TABELAS E ESPECIFICAÇÕES * TABELAS

— Maquetista + 6 anos (Esp. 134).

— Medidor (Desenho + 6 anos) (Esp. 136).

— Medidor orçamentista + 6 anos (Esp. 133).

— Oficial encarregado electricista (Esp. 54).

— Planificador (Téc. Desenho) (Esp. 110).

— Secretário de Direcção (Esp. 112).

— Técnico fabril (Met.) (Esp. 113).

As categorias e/ou classes abaixo mencionadas terão remuneração mínima de 9500$00.

— Auxiliar técnico de laboratório — 1.ª classe (Esp. 138).

— Controlador de qualidade — Prefabrico (Esp. 46).

— Encarregado fiscal ou verificador de qualidade (Esp. 23).

— Topógrafo auxiliar com mais de 3 anos (Esp. 62).

As categorias e/ou classes abaixo mencionadas terão remuneração mínima de 10 000$00.

— Analista de programas (Escritórios) (Esp. 114).

— Assistente técnico de laboratório 2.ª classe (Esp. 139).

— Chefe de Oficina (Esp. 36).

— Chefe de secção (Escritórios) (Esp. 115).

As categorias e/ou classes abaixo mencionadas terão remuneração mínima de 10 735$00.

— Assistente operacional (Desenhadores) (Esp. 127).

— Desenhador Arte-Finalista (Artes Gráficas) (Esp. 129).

— Desenhador maquetista (Artes Gráficas) (Esp. 128).

— Desenhador projectista (Esp. 126).

— Maquetista — coordenador (Esp. 130).

As categorias e/ou classes abaixo mencionadas terão remuneração mínima de 11 000$00.

— Assistente técnico de laboratório 1.ª classe (Esp. 139).

— Chefe de Departamento, de Divisão ou de Serviço (Esp. 119).

— Encarregado Geral (Esp. 19).

— Fotogrametrista nos primeiros anos (Esp. 61).

— Fotógrafo nos primeiros 3 anos (Esp. 61).

— Guarda-livros (Técnico de contas) (Esp. 116).

— Programador (Escritórios) (Esp. 111).

— Tesoureiro (Esp. 119).

As categorias e/ou classes abaixo mencionadas terão remuneração mínima de 12 000$00.

— Director de Serviço, Chefe-Geral de Serviços ou Chefe de Escritório (Esp. 118).

— Fotogrametrista de 3 a 6 anos (Esp. 61).

— Técnico de Engenharia ou de Construção Civil de 1.º ano (Arquitectos, Engenheiros, Engenheiros-Técnicos, Construtores Civis).

— Topógrafo de 3 a 6 anos (Esp. 61 a 65).

As categorias e/ou classes abaixo mencionadas terão remuneração mínima de 14 000$00.

— Fotogrametrista com mais de 6 anos (Esp. 61).

— Técnico de Engenharia ou de Construção Civil — Grau 1 (Arquitectos, Engenheiros, Engenheiros Técnicos, Construtores Civis) (Esp. 50).

As categorias e/ou classes abaixo mencionadas terão remuneração mínima de 16 000$00.

— Geómetra, Cartógrafo e Calculador (Esp. 60).

— Técnico de Engenharia ou de Construção Civil — Grau 2 (Arquitectos, Engenheiros, Engenheiros Técnicos, Construtores Civis) (Esp. 51).

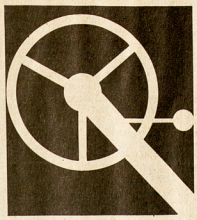
As categorias e/ou classes abaixo mencionadas terão remuneração mínima de 18 000$00.

— Técnico de Engenharia ou de Construção Civil — Grau 3 Arquitectos, Engenheiros, Engenheiros Técnicos,

As categorias e/ou classes abaixo mencionadas terão remuneração mínima de 20 000$00.

— Técnicos de Engenharia ou de Construção Civil — Grau 4 Arquitectos, Engenheiros, Engenheiros Técnicos,

Esp. 53



minantemente procede à reprodução de documentos, incluindo os trabalhos com chapas fotográficas ou serviços idênticos.

96. — **SERRALHEIRO CIVIL:** É o trabalhador que constrói e/ou monta ou repara estruturas metálicas, tubos condutores de combustíveis, ar ou vapor, carroçarias de veículos automóveis, andaimes similares para edifícios, pontes, navios, caldeiras, cofres e outras obras. Incluem-se nesta categoria os profissionais que normalmente são designados por serralheiros de tubos ou tubistas.

97. — **SERRALHEIRO MECÂNICO:** É o trabalhador que executa peças, monta, repara e conserva vários tipos de máquinas, motores e outros conjuntos mecânicos, com excepção dos instrumentos de precisão e das instalações eléctricas. Incluem-se nesta categoria os profissionais que para aproveitamento de órgãos mecânicos procedem à sua desmontagem, nomeadamente máquinas e veículos automóveis considerados sucata.

98. — **SOLDADOR:** É o trabalhador que, pelos processos de soldadura electro-ar ou oxi-acetilénico, liga entre si elementos ou conjuntos de peças de natureza metálica.

99. — **ESCRITURÁRIO:** É o trabalhador que executa trabalhos administrativos e cujas funções não correspondem a qualquer outra categoria deste grupo.

100 — **ESTENO-DACTILÓGRAFO (em língua portuguesa):** É o trabalhador que normalmente executa trabalhos esteno-dactilográficos em língua portuguesa.

102. — **CAIXA:** É o trabalhador que no escritório tem a seu cargo como função exclusiva ou predominante o serviço de recebimentos, pagamentos e guarda de dinheiro e valores.

103. — **CORRESPONDENTE EM LÍNGUA PORTUGUESA:** É o trabalhador que normalmente redige e dactilografa correspondência em português.

104. — **ESTENO-DACTILÓGRAFO EM LÍNGUA ESTRANGEIRA:** É o trabalhador que normalmente executa trabalhos esteno-dactilográficos num ou mais idiomas estrangeiros.

105. — **OPERADOR MECANOGRÁFICO:** É o trabalhador que trabalha com todos ou alguns dos tipos de máquinas mecanográficas.

106. — **OPERADOR DE TELEX:** É o trabalhador a quem cabe, predominantemente, assegurar o serviço de telex da empresa.

108. — **CORRESPONDENTE EM LÍNGUAS ESTRANGEIRAS:** É o trabalhador que tem como principal função redigir e dactilografar correspondência num ou mais idiomas estrangeiros.

109. — **SUBCHEFE DE SECÇÃO:** É o trabalhador que num dado sector tem como função a execução das tarefas mais qualificadas dos escriturários e coordenação dos trabalhos destes. Substitui o chefe de secção na sua ausência.

110. — **PLANIFICADOR.** — É o trabalhador que a partir do estudo de um projecto elabora o programa da sua execução, estabelecendo o esquema de desenvolvimento das diferentes actividades, prevendo os tempos e os meios de acção, materiais e humanos requeridos.

111. — **PROGRAMADOR:** É o trabalhador que transforma a descrição num processo mecanográfico em instrução para o computador (programa) e para os operadores (condições de utilização do programa).

112. — **SECRETÁRIO:** É o trabalhador que se ocupa do secretariado de direcção da empresa, competindo-lhe entre outros, as funções de redigir actas das reuniões, assegurar por sua própria iniciativa o trabalho de rotina diária, realização de assembleias, reuniões de trabalho, assinatura de contratos.

113. — **TÉCNICO FABRIL:** É o trabalhador que tem por função organizar, adaptar e coordenar a planificação técnica-fabril determinada pelos órgãos superiores da empresa. Pode dirigir tecnicamente um ou mais sectores da produção, como: estudo de métodos, preparação de trabalho, planeamento fabril.

114. — **ANALISTA DE PROGRAMAS:** É o trabalhador que faz o reconhecimento dos elementos de um assunto a tratar mecanograficamente, procura a melhor forma de processamento e faz a descrição pormenorizada da solução encontrada.

115. — **CHEFE DE SECÇÃO:** É o trabalhador que coordena, dirige e controla o trabalho de um grupo de profissionais.

116. — **GUARDA-LIVROS:** É o trabalhador que, sob a direcção imediata do chefe de contabilidade, se ocupa da escrituração do memorial, diário e razão (livros e mapas) ou o que, não havendo departamento próprio de contabilidade, superintende naqueles serviços e tem a seu cargo a elaboração dos balanços e escrituração dos livros selados ou é responsável pela boa ordem e execução desses trabalhos.

118. — **DIRECTOR DE SERVIÇOS, CHEFE GERAL DE SERVIÇOS OU CHEFE DE ESCRITÓRIO:** É o trabalhador que superintende em todos os serviços administrativos.

119. — **CHEFE DE DEPARTAMENTO, DE DIVISÃO, DE SERVIÇO OU GERENTE. TESOUREIRO:** É o trabalhador que dirige ou chefia um sector de serviços, considerando-se nomeadamente nesta categoria os profissionais que chefiam a contabilidade, a tesouraria ou a mecanografia e que tenha sob a sua orientação um ou dois chefes de secção.

120. — **MECÂNICO DE CARPINTARIA:** É o trabalhador que trabalha madeira com serra de fita, engenho de furar, torno, garlopa, tupia, plaina ou outras máquinas para fabricação de estruturas.

121. — **ARQUIVISTA (DESENHO):** É o trabalhador que arquiva os elementos respeitantes à sala de desenho, nomeadamente desenhos, catálogos, normas e toda a documentação inerente ao sector técnico, podendo também organizar e preparar os respectivos processos.

122. — **OPERADOR HELIOGRÁFICO:** É o trabalhador que predominantemente trabalha com a máquina heliográfica, corta e dobra as cópias heliográficas.

123. — **TIROCINANTE:** É o trabalhador que coadjuvando os profissionais nas categorias superiores, faz tirocínio para ingresso nas categorias respectivas.

124. — **PRATICANTE:** É o trabalhador que sob orientação coadjuva os trabalhos da sala de desenho e executa trabalhos simples e operações auxiliares.

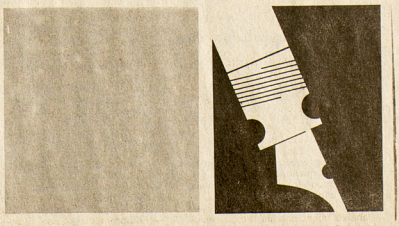
125. — **DESENHADOR DE TOPOGRAFIA:** É o trabalhador que elabora plantas e cartas topográficas a partir de elementos obtidos por processos de levantamento clássico ou fotogramétrico. Interpreta as convenções utilizadas com a grafia apropriada. Faz a completagem através de elementos obtidos pelo operador de campo. Completa cada planta ou carta com uma moldura final.

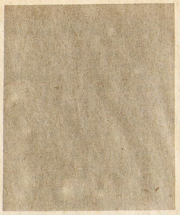
126. — **DESENHADOR PROJECTISTA:** É o trabalhador que a partir de um programa dado, verbal ou escrito, concebe anteprojectos de um conjunto ou partes de um conjunto, procedendo ao seu estudo, esboço ou desenho, efectuando os cálculos que não sendo específicos de engenharia sejam necessários à sua estruturação e interligação. Observa e indica se necessário normas e regulamentos a seguir na execução, assim como os elementos para orçamento.

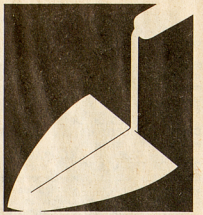
127. — **ASSISTENTE OPERACIONAL:** É o trabalhador que a partir do estudo e da análise de um projecto, orienta a sua concretização em obra, interpretando as directivas nele estabelecidas e adaptando-as aos condicionalismos e circunstâncias próprias de cada trabalho, dentro dos limites fixados pelo autor do projecto e de harmonia com o programa de execução estabelecido.

128. — **DESENHADOR MAQUETISTA (ARTES GRÁFICAS):** É o trabalhador que a partir de dados verbais ou escritos cria, esboça e maquetiza todo o material gráfico ou campanha publicitária destinada a: imprensa, televisão, pontos de vendas, publicidade exterior e directa, marcas, livros, folhetos, logotipos, papel de carta, embalagens, «stands» ou montras.

129. — **DESENHADOR ARTE-FINALISTA (ARTES GRÁFICAS):** É o trabalhador que a partir de um esboço ou de uma maqueta, executa com a técnica e o pormenor necessário (por exemplo: retoque fotográfico) o material gráfico ou publicitado destinado a: imprensa, televisão, pontos de venda, publicidade exterior e directa, marcas, livros, folhetos,







logotipos, papel de carta, embalagens, «stands» ou montras. Poderá dar assistência aos trabalhos em execução.

130. — **MAQUETISTA COORDENADOR:** É o trabalhador que, tendo sob a sua responsabilidade uma sala ou gabinete de maquetas, orienta a execução completa de uma maqueta de qualquer tipo e finalidade tendo para o efeito bom conhecimento das solicitações estéticas do projectista quanto ao seu acabamento e modo de execução tendo em conta o fim a que se destina. Escolhe os diversos tipos de materiais que melhor se coadunem com os tipos de maquetas a executar.

131. — **DESENHADOR GRÁFICO (ARTES GRÁFICAS):** É o trabalhador que, conforme a especialidade, executa trabalhos gráficos ou publicitários a partir de esboços ou elementos técnicos fornecidos. Consulta o responsável pelo trabalho.

132. — **DESENHADOR-RETOCADOR (ARTES GRÁFICAS):** É o trabalhador que a partir de maqueta ou diapositivos, interpreta tecnicamente e executa, sobre película fotográfica, cartazes, folhetos, calendários, marcas, rótulos, etc. Poderá dar assistência aos trabalhos em execução.

133. — **MEDIDOR ORÇAMENTISTA:** É o trabalhador que estabelece com precisão as quantidades e o custo dos materiais e da mão-de-obra necessários para a execução de uma obra. Deverá ter conhecimentos de desenho, de matérias-primas e de processos e métodos de execução de obras. No desempenho das suas funções baseia-se na análise das diversas partes componentes do projecto, memória descritiva e caderno de encargos. Determina as quantidades de materiais e volumes de mão-de-obra e de serviços necessários e, utilizando as tabelas de preços de que dispõe, calcula os valores globais correspondentes. Organiza o orçamento. Deve completar o orçamento e estabelece com a indicação pormenorizada de todos os materiais a empregar e operações a efectuar. Cabe-lhe providenciar para que estejam sempre actualizadas as tabelas de preços simples e compostos que utiliza.

134. — **MAQUETISTA:** É o trabalhador que, além de possuir conhecimentos de desenho e construção de maquetas, pode executar por si só algumas peças simples como: escadas, telhados, chaminés, muros, etc.

135. — **DESENHADOR:** É o trabalhador que, a partir de elementos que lhe sejam fornecidos ou por ele recolhidos e seguindo orientações técnicas superiores, executa as peças desenhadas e escritas até ao pormenor necessário para a sua ordenação e execução da obra, utilizando conhecimentos de materiais, de processos de execução e das práticas de construção. Consoante o seu grau de habilitação profissional e a correspondente prática do sector, efectua cálculos complementares requeridos pela natureza do projecto. Consulta o responsável pelo projecto acerca das modificações que julgar necessárias ou convenientes.

136. — **MEDIDOR:** É o trabalhador que determina com rigor as quantidades que correspondem às diferentes parcelas de uma obra a executar. No desempenho das suas funções baseia-se na análise do projecto e dos respectivos elementos escritos e desenhados e também nas orientações que lhe são definidas. Elabora listas discriminativas dos tipos e quantidades dos materiais ou outros elementos de construção, tendo em vista designadamente: orçamentação, o apuramento dos tempos de utilização de mão-de-obra e de equipamentos e a programação do desenvolvimento dos trabalhos. No decurso da obra «in loco» autos de medição, procurando ainda detectar erros, omissões ou incongruências, de modo a esclarecer e avisar os técnicos responsáveis.

137. — **TRABALHADOR DE LABORATÓRIO:** É o trabalhador não especializado que efectuará as tarefas de manipulação de amostras, acondicionamento e limpeza de aparelhos.

138. — **AUXILIAR TÉCNICO:** É o trabalhador especializado capaz de executar a maior parte dos ensaios e lhes dar uma simples interpretação.

139. — **ASSISTENTE TÉCNICO:** É o trabalhador técnico capaz de executar todos os ensaios e de dar uma cabal e sintética interpretação e aconselhar o tipo de ensaios necessários para determinados fins. Será também capaz de orientar equipas de auxiliares técnicos quer em laboratório quer em campo.

140. — **APRENDIZ COM MAIS DE 18 ANOS:** É o trabalhador sem qualquer qualificação que começa a aprender qualquer profissão das que estão no contrato colectivo de trabalho.

141. — **COBRADOR:** É o trabalhador que normal e predominantemente efectua, fora dos escritórios, recebimentos, pagamentos e depósitos ou serviços análogos.

142. — **CONTÍNUO:** É o trabalhador cuja missão consiste principalmente em anunciar visitantes, fazer recados, estampilhar ou entregar correspondência e proceder a outros serviços análogos.

143. — **PAQUETE:** É o trabalhador menor de 18 anos, que presta unicamente os serviços enumerados para os contínuos.

144. — **VENDEDOR:** É o trabalhador que promove vendas e faz propaganda, de harmonia com as recomendações do chefe da delegação em que esteja a actuar.

145. — **TELEFONISTA:** É o trabalhador que se ocupa exclusivamente das ligações telefónicas.

146. — **PERFURADOR-VERIFICADOR:** É o trabalhador que trabalha com máquina de perfuração ou verificação numérica e/ou alfanumérica para registo de dados por meio de perfuração em cartões.

147. — **PRATICANTE-TRABALHADOR DO COMÉRCIO:** É o trabalhador com menos de 18 anos de idade em regime de aprendizagem.

149. — **SERVENTE-TRABALHADOR DO COMÉRCIO:** É o trabalhador que executa tarefas não específicas no armazém.

150. — **CAIXEIRO AJUDANTE:** É o trabalhador que, terminado o período de aprendizagem, estagia para 3.º caixeiro.

151. — **AJUDANTE DE FIEL DE ARMAZÉM:** É o trabalhador que coadjuva o fiel de armazém e o substitui em caso de impedimento.

152. — **CAIXEIRO:** É o trabalhador que vende mercadorias directamente ao público, fala com o cliente no local de venda e informa-se do género de produtos que deseja; enuncia o preço e esforça-se por concluir a venda. Pode ser designado primeiro, segundo ou terceiro caixeiro.

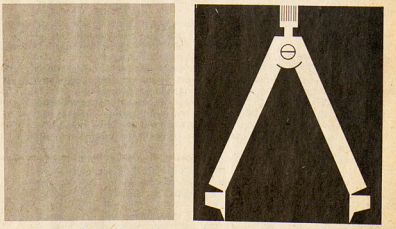
153. — **CAIXEIRO DE PRAÇA:** É o trabalhador que se ocupa das mesmas tarefas de que o caixeiro viajante, mas exercidas na área do distrito onde se encontram instaladas a Sede ou Delegação da empresa a que ele se encontra adstrito.

154. — **PROSPECTOR DE VENDAS:** É o trabalhador que verifica as possibilidades do mercado nos seus vários aspectos de preferências, poder aquisitivo e solvabilidade; observa os produtos, quanto à sua aceitação pelo público e a melhor maneira de o vender.

155. — **CAIXEIRO VIAJANTE:** É o trabalhador que solicita encomendas, promove e vende mercadorias no exterior, viajando numa zona geográfica determinada, enuncia os preços e condições de crédito e transmite as encomendas ao escritório central ou delegação a que esteja adstrito e envia relatórios sobre as transacções comerciais que efectuou.

156. — **INSPECTOR DE VENDAS:** É o trabalhador que inspecciona o serviço dos vendedores, caixeiros viajantes e de praça, recebe as reclamações dos clientes; verifica a acção dos seus inspeccionados pelas notas de encomenda, auscultação da praça, programas cumpridos, etc.

157. — **CHEFE DE VENDAS:** É o trabalhador que dirige, coordena e controla um ou mais sectores de vendas da empresa.

158. — **CAIXEIRO ENCARREGADO OU CAIXEIRO CHEFE DE SECÇÃO:** É o trabalhador que no estabelecimento de venda por grosso ou a retalho substitui o gerente comercial na ausência deste e se encontra apto a dirigir o serviço e os outros trabalhadores.

159. — **ENCARREGADO DE ARMAZÉM:** É o trabalhador que dirige os trabalhadores e o serviço no armazém, assumindo a responsabilidade pelo seu bom funcionamento, podendo ter a seu cargo um ou mais fiéis de armazém.